

BLIMUNDA



LEITURAS À VOLTA DA COMIDA

LIVRO INFANTIL E PROMOÇÃO DA LEITURA

Entrevista a Alice Vieira

SARAMAGUIANA

José Saramago entrevistado por Ana Sousa Dias

BLIMUNDA

#5 OUTUBRO 2012

Diretor: Sérgio Machado Letria
Edição/Redação: Andreia Brites, Sara Figueiredo Costa
Paginação: Fundação José Saramago

Fundação José Saramago
Casa dos Bicos
Rua dos Bacalhoeiros, 10
1100-135 Lisboa - Portugal
blimunda@josesaramago.org
<http://www.josesaramago.org>
N.o registo na ERC - 126 238

Os textos assinados são da responsabilidade dos respetivos autores.
Os conteúdos desta publicação podem ser reproduzidos ao abrigo da Licença Creative Commons

Editorial

Ao 5.º número da revista *Blimunda* abrimos espaço para um dos temas que mais está presente, muitas vezes como ferramenta de construção narrativa ou de descrição de espaços e ambientes na literatura universal, a comida. Dos primórdios aos tempos modernos, é esta viagem que aqui pretendemos trazer mostrando a importância que os alimentos, dos mais rudimentares aos mais sofisticados, tiveram na evolução social. Nunca esquecendo a crise alimentar que atravessamos, com consequências que em alguns casos ainda não conseguimos prever.

Este é também um número em que damos lugar às entrevistas. Na secção infantil e juvenil, com uma das mais importantes autoras portuguesas, Alice Vieira. Com mais de 40 anos de carreira e mais de 30 títulos publicados, é de literatura que se fala, sem preconceitos e olhando para o futuro.

No segundo caso, recuperando as palavras de José Saramago numa entrevista concedida a Ana Sousa Dias em Lanzarote, no ano de 2006, acompanhadas pelas belíssimas fotografias de João Francisco Vilhena que captam o espírito da terra que viu nascer obras maiores da literatura universal.

Esta entrevista funciona como preâmbulo para a próxima edição da *Blimunda*, a de novembro, mês em que comemoramos os 90 anos de José Saramago. Essa será uma edição especial, parte integrante da programação que a Fundação José Saramago anunciará nos próximos dias para celebrar o nascimento do Escritor, do Homem a quem nunca poderemos dizer adeus. O selo que preparámos para comemorar os 90 Anos, concebido pelo Atelier do designer Jorge Silva, é a imagem que nos acompanhará nos próximos meses. Aqui a partilhamos com os nosso leitores.

Sérgio Machado Letria



Leituras do mês

David Torres, “Nos vemos en la calle”, *Publico*



Entre os muitos balanços que já se escreveram sobre a manifestação que encheu a Praça Neptuno, em Madrid, no passado dia 25 de setembro, o ponto de vista de David Torres escolhe ser esperançoso relativamente a um determinado sinal de mudança. Pode parecer coisa pouca, quando há tanto a acontecer, a discutir, a repensar, mas é uma mudança estrutural que pode fazer toda a diferença daqui para a frente, independentemente do rumo que a contestação à austeridade decida tomar: a redescoberta da rua. É certo que rua e contestação sempre andaram a par, mas o que David Torres salienta no seu texto é o facto de uma certa geração, que trocou a rua – das brincadeiras ao espaço de debate que o espaço aberto e social configura – pela televisão, pela *playstation*, pelo computador, estar agora a redescobrir o potencial de encontro e troca de ideias que o espaço comum sempre ofereceu. As imagens de milhares de pessoas nas ruas de Madrid, à semelhança de várias outras cidades europeias, ganham outra dimensão: “Un día, cuando el pan se iba acabando y el circo ya no daba para más, un día unos chavales se sentaron en la Puerta del Sol y empezaron a hablar unos con otros como si estuvieran en el ágora de Atenas.”

<http://blogs.publico.es/davidtorres/2012/10/01/nos-vemos-en-la-calle/>



Luiz Schwarcz, “Nós, que o amávamos tanto”, Blog da Companhia das Letras

O mês de outubro teve início aziago, com a notícia da morte de Eric Hobsbawm, um dos mais relevantes historiadores do século XX. No blog da editora Companhia das Letras, o escritor e editor Luiz Schwarcz evoca a memória do amigo, lembrando alguns momentos da sua relação, particularmente as peripécias que partilharam aquando da primeira visita de Hobsbawm ao Brasil.

Como as remissões automáticas permitidas pela internet, o texto de Luiz Schwarcz convida o leitor a visitar um texto mais antigo (<http://www.blogdacompanhia.com.br/2010/08/uns-e-outros-na-primeira-flip/>), também da sua autoria, que descreve a autêntica prova de obstáculos que foi erguer a primeira edição do Festival Literário Internacional de Paraty, em 2003, onde a presença de Eric Hobsbawm foi uma das mais marcantes, com gente esperando horas por um autógrafo enquanto o historiador confessava o seu cansaço perante tamanha agitação (e ainda assim, não deixou de oferecer um pouco do seu tempo a todos os que com ele quiseram trocar algumas palavras).

<http://www.blogdacompanhia.com.br/2012/10/nos-que-o-amavamos-tanto/>

Ricardo Menéndez Salmón

Medusa

Seix Barral

Com uma obra que já não precisa de confirmações sobre a sua relevância no panorama de língua castelhana, Ricardo Menéndez Salmón regressa a um dos temas caros do seu percurso, o mesmo tema que estruturou os romances que compunham a Trilogia do Mal (*A Ofensa, A Queda e O Revisor*, publicados pela Seix Barral, em Espanha, e pela Porto Editora, em Portugal). *Medusa* encena a biografia de um artista multidisciplinar (e totalmente ficcional), Prohaska, refletindo sobre o modo como qualquer pessoa pode ser envolvida – assumindo, assim, uma parte de responsabilidade – nos momentos em que a humanidade assume a sua condição de genocida.

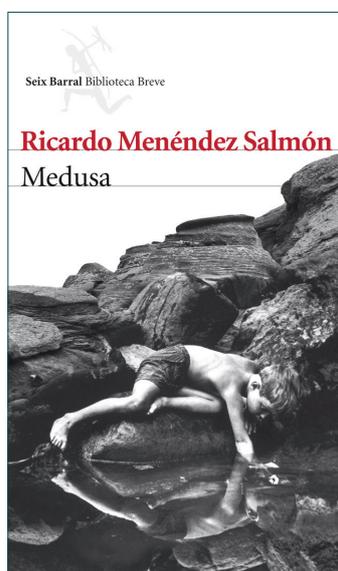
Depois de uma infância introvertida, onde o poder e a sugestão das imagens taparam as falhas deixadas pelo afeto e pela pouca socialização, Prohaska ruma a Berlim e, confirmando que o abismo é coisa para se abrir aos pés de qualquer um mais depressa do que se imagina, passa de assistente de fotografia num estúdio de bairro a fotógrafo do Reich. Não há premeditação (o que não significa que não haja responsabilidade), nem partilha entusiasmada das teses eugenistas de Hi-

tlar, mas será pela lente de Prohaska que as maiores e as mais ínfimas violências do regime nazi serão registadas, algumas vezes com uma beleza medonha. Sucedem-se os corpos queimados, as perseguições, os grandes comícios que alimentavam a máquina enquanto a Europa vai tombando às mãos do monstro nazi. Prohaska está sempre lá e o que não regista no momento servir-lhe-á de alimento para a memória, presença fantasmática nas obras que realizará já depois da queda do regime e muito longe da geografia que viu a Alemanha perder, enfim, a guerra.

A questão de *Medusa* não é tanto a possibilidade ou a impossibilidade da criação artística perante o horror, na esteira de Adorno e da reflexão sobre Auschwitz, mas antes os modos possíveis de olhar esse horror. Característica transversal aos livros do autor, a questão que desen-

cadeia a escrita não tem uma resposta única e indesmentível, porque esta é uma escrita de dúvidas labirínticas e reflexões sobre a natureza humana e nunca de teses fechadas sobre como somos ou deveríamos ser. Talvez por isso a narrativa biográfica seja a que melhor serve os impulsos que estão na origem de *Medusa*, e que de um modo algo críptico se revelam no início do livro: “La aspiración de todo Mito es pasar a formar parte de la Historia; la aspiración de toda Historia es alcanzar el grado de inteligibilidad del Mito.” Daqui em diante, um narrador obcecado com cada detalhe e cada gesto de Prohaska desfiará o novelo da sua vida com a atenção posta no modo como o artista olhou o que viu e, sobretudo, no modo como lhe sobreviveu. Tendo a figura mitológica do título como referência, a narrativa permitirá perceber que essa sobrevivência foi mais processo do que estado, um braço de ferro com o poder petrificador de *Medusa* que não estará longe dos muitos processos e reflexões ainda hoje em curso perante os muitos terrores de que também somos feitos.

Sara Figueiredo Costa



Alfarrábio

É preciso ter paciência e tempo disponível, mas a Feira da Ladra – ou um dos seus muitos equivalentes em várias outras cidades – pode ser um local privilegiado para se encontrarem pequenas preciosidades bibliográficas, muitas vezes a um preço quase vergonhoso de tão baixo. Foi assim com esta *Antologia da Novíssima Poesia Norte-Americana*, uma edição da Futura, publicada em 1973, que se comprou por duas moedas que não chegariam para pagar o trabalho do editor, os direitos dos autores, a impressão do livro propriamente dito.

A seleção dos poetas e dos poemas, a tradução, o prefácio e as notas são de Manuel de Seabra, que abre o livro como mandam as regras das boas antologias, ou seja, justificando as suas escolhas. Isso implica falar dos presentes e dos ausentes, que neste caso incluem Lawrence Ferlinghetti, Jack Kerouac ou Charles Bukowski, excluídos pelo cumprimento do critério cronológico definido para esta edição (poetas nascidos a partir de 1926, ano em que nasce Allen Ginsberg, que abre a antologia), entre muitos outros. E implica igualmente partilhar com os leitores não só os critérios da escolha, assumindo desde logo o gosto pessoal como um deles, mas também o processo de seleção. Manuel de Seabra explica, assim, como descobriu alguns dos autores que eram, à época, ‘novíssimos’ através da consulta de revistas e jornais de poesia, sobretudo os de âmbito universitário.

Apresentados os critérios, contextualizada a geração que aqui se procurou representar, avança-se para os poemas propriamente ditos com a certeza de que os novíssimos são, em muitos casos, os consagrados de hoje, e noutros apenas referências datadas no que deste lado do Atlântico conhecemos do panorama poético norte-ame-

ricano. Allen Ginsberg, Frank O’Hara, Gregory Corso, Michael McLure, Peter Orlovsky, Diane Di Prima, David Shapiro ou John Ashbery são alguns dos poetas que fazem deste voluminho encontrado ao acaso entre uma pilha de livros de autoajuda, clássicos em edições pouco cuidadas e livros de História um achado precioso. Mas também a capa, com a imagem de Ginsberg repetida como num fotograma e com a mistura de tipos de letra, e o formato, a paginação, o papel, tudo isso acrescenta à descoberta bibliográfica uma memória igualmente importante, que passa pela história de uma editora que já não existe e por um tempo em que se davam a descobrir gerações poéticas sem medo de arriscar demasiado. Hoje, o mercado editorial é um vórtice de novidades que desaparecem em poucos dias e o tempo das descobertas duradouras parece ter ficado relegado para os livros a monte na Feira da Ladra.



Manuel de Seabra (selec. e trad.),
Antologia da Novíssima Poesia Norte-Americana,
Futura

Comprado na Feira da Ladra, Lisboa
2,00 euros

A close-up photograph of four slices of bread stacked on a red background. The bread has a golden-brown crust covered in small, round, light-colored mustard seeds. The interior of the bread is white and porous, with some air pockets visible. The text "Leituras à volta da comida" is overlaid in white at the bottom right.

**Leituras
à volta da comida**

Da mesa e do estômago: Leituras à volta da comida

Alguém que tenha a sorte de atravessar o mundo em várias direções constatará com igual facilidade as diferenças nos hábitos alimentares das pessoas e os traços comuns a esse gesto atávico de levar os alimentos até à boca, garantindo a sobrevivência. Constatará também algo relativamente óbvio, mas que não perde o seu efeito reconfortante perante a imensidão numérica da espécie humana: independentemente do uso de talheres e da sua forma, ou do uso das mãos, do modo de confeccionar os elementos e do tipo de animais e plantas que integram as muitas dietas alimentares, independentemente até da escassez ou do excesso, reconhecemo-nos como humanos no momento em que nos alimentamos e no momento em que partilhamos o alimento com os que nos rodeiam.

Já não estamos em tempo de exploradores andarilhos que partem para outras terras sem grande ideia do que vão encontrar. O que podemos saber sobre os outros circula com facilidade entre livros, meios de comunicação, internet, e a comida não é exceção. Em tempos de crise alimentar, pode chegar a ser constrangedor observar a quantidade de programas televisivos, sites e publicações dedicadas à comida. Chefs que são recebidos por multidões em êxtase como se fossem estrelas de Hollywood, televisões que pagam quantias astronómicas por certos formatos, sejam eles concursos ou documentários, audiências que não páram de crescer, e tudo em volta desse gesto simples de levar os alimentos à boca. Já alguém disse que a gastronomia é a nova pornografia e não deixa de ser uma comparação desprovida de sentido: quando parte considerável da humanidade não tem o que comer e quando uma parte relevante da população dos países mais ricos do mundo sofre de excessos alimentares, a omnipresença da gastronomia torna-a um bom candidato a coisa proibida

ou, dependendo do quadro de valores de cada um, imoral.

Vendo as coisas de outro ângulo, o interesse crescente dos países que ainda não sofrem a crise alimentar, pelo menos de um modo generalizado, pela comida pode ser um ponto de partida para que se encarem os alimentos de um modo mais racional. Sabendo de onde vêm as coisas, é mais fácil percebermos as suas limitações – se nos limitarmos a deglutir hamburgueres sem consciência de que a carne vem de animais que precisam de grandes superfícies de pasto para se criarem, dificilmente perceberemos que a ideia de comida barata é uma falácia. Faturas deste género demoram a ser cobradas, mas os juros tendem a ser muito altos, pelo que conhecer a origem das coisas talvez seja um bom princípio para não as desvalorizarmos.

E depois há o imenso património cultural, social, ambiental que se guarda nesse tal simples gesto. A história, as convulsões sociais, as grandes mudanças e heranças civilizacionais, tudo isso se relaciona com a comida de um modo tão óbvio que nem sempre se vislumbra de imediato. Das lendas que tantas cidades reclamam como exclusivamente suas, em que uma população sitiada mostra superioridade perante o inimigo desfazendo-se da pouca comida que tem armazenada como se fosse muita, até aos diferentes modos de mostrar respeito perante o pão, alimento essencial de quase todas as civilizações, as relações entre a comida e a vida das pessoas são muito mais profundas do que a mera questão da sobrevivência quotidiana. Sem oportunidade para a travessia do mundo, temos sempre o inestimável refúgio dos livros, três obras que talvez ainda não se encontrem entre o cânone dos clássicos gastronómicos onde se exibem textos como o *De Re Coquinaria*, de Apício, ou o *Pantagruel*, de Rabelais, mas que lá chegarão com toda a justiça.

Antes de tudo, o pão

Não seria preciso retomar a estafada frase de

A história, as convulsões sociais, as grandes mudanças e heranças civilizacionais, tudo isso se relaciona com a comida de um modo tão óbvio que nem sempre se vislumbra de imediato.

Maria Antonieta para relembrar o óbvio: só quem nunca percebeu que o pão é central na sobrevivência alimentar da espécie humana poderá pensar que os brioques o substituem com eficácia. Se não há pão, não há nada, mesmo que as Marias Antonietas desta vida acreditem que a ausência de pão é apenas sinal de que alguém se esqueceu de ir às compras.



Em *6000 Anos de Pão* (edição brasileira Nova Alexandria, edição portuguesa Antígona), Heinrich Eduard Jacobs traça a genealogia desse alimento essencial, desde a pré-história até meados do século XX. O volume, profusamente ilustrado, não é apenas um livro de história, pelo menos não naquele sentido enciclopédico que poderíamos esperar num trabalho desta natureza. Jacobs não foge às referências cronológicas e à contextualização histórica e social, mas o seu livro é sobretudo um ensaio sobre o papel do pão na história da humanidade.

Vítima do regime nazi, que o fez passar pelos campos de concentração de Dachau e Buchenwald, Jacobs conhecia por dentro a realidade da fome e a diferença que o acesso a um pouco de farinha, água e, com sorte, algum sal, podia fazer na sobrevivência de um ser humano.

Escritor, crítico e jornalista, o autor tinha da história uma visão multidisciplinar, tão atenta às grandes narrativas oficiais como aos pequenos episódios, ao percurso das figuras de primeira linha como ao anedotário quotidiano que sobreviveu em documentos vários e que é tão útil para reconstruirmos e compreendermos a o contexto em que viveram os que nos antecederam como toda a documentação oficial sobre soberanos, governos e impérios.

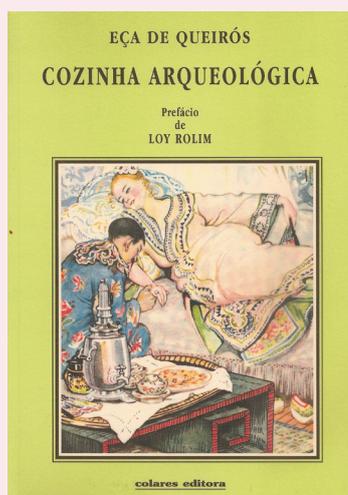
Se as gravuras egípcias da Antiguidade são o primeiro registo conhecido do pão tal como hoje o entendemos, Heinrich Eduard Jacobs não deixa de dedicar um longo capítulo inicial à pré-história, ligando a sedentarização, a pastorícia e a invenção da agricultura àquilo que seria, mais tarde, a descoberta do pão. Com a revelação das leveduras transportadas pelo ar e da sua ação sobre a pasta de farinha e água que já se conhecia anteriormente, os egípcios veem surgir esse alimento diário que acompanhará os tempos e que assumirá um papel central na vida da humanidade, não apenas como forma de matar a fome, mas também como moeda de troca, das mais simples transações (por exemplo, como pagamento da força de trabalho) às mais requintadas negociações políticas. Na queda do Império Romano, na fundação do cristianismo (onde o pão é símbolo essencial), na explosão popular que conduziu à Revolução Francesa ou na retórica de Hitler para o domínio da Europa, a transformação do cereal em pão esteve sempre no epicentro da história, conduzindo homens e mulheres por entre a necessidade de matarem a fome e a ganância de dominarem a produção de um alimento que, desde a sua invenção, nunca perdeu o potencial para mudar o mundo.

Banquete queirosiano

As descrições gastronómicas na obra de Eça de Queirós são bem conhecidas dos seus leitores. Banquetes com várias horas de duração, pormenores sobre o tempêro, a caça, os vinhos, os doces, nada disso é estranho a quem tenha lido pelo menos algumas das obras daquele que é um

dos grandes escritores da história, sem necessidade alguma de delimitar cronologias ou geografias.

Adivinha-se, nessas passagens dedicadas à comida, o gosto do autor pela boa mesa, além do génio para a descrição atenta e para o pormenor certo. O banquete no Hotel Central, por onde desfilam iguarias sem fim e onde cada gesto de as consumir revela uma postura, uma intenção ou mesmo um segredo, é um episódio fundamental na narrativa de *Os Maias*, bem como o jantar que o Padre Cortegaça prepara para os seus convidados em *O Crime do Padre Amaro*. As refeições queirosianas nunca são simples mecanismos narrativos para fazer avançar o relógio da ação, mas antes momentos essenciais de encontro ou revelação, confirmando-se aqui uma escrita que reconhece na mesa o espaço de comunhão por excelência.



O profundo interesse de Eça de Queirós pela gastronomia não se revelou unicamente nas suas obras mais reconhecidas. Num conjunto de crónicas que escreveu para a *Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro*, em 1893, o autor dedica-se à

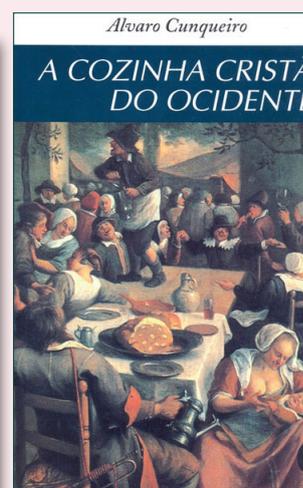
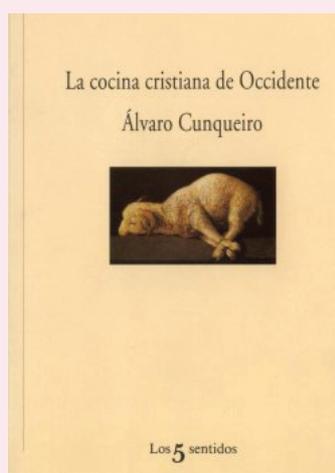
reflexão sobre a humanidade e a sua história a partir da leitura de *I Deipnosofisti* (*O Banquete dos Sábios*), de Ateneu, autor grego nascido em finais do século II. Publicadas em Portugal pela Colares Editora num pequeno volume intitulado *Cozinha Arqueológica*, as crónicas de Eça de Queirós fazem justiça à arte culinária greco-latina, tema pouco abordado por historiadores e arqueólogos, pelo menos à época em que o autor assinou estes textos. Dos banquetes festivos às refeições que selavam pactos e negócios de Estado, Eça vai folheando *I Deipnosofisti* com a mesma dedicação com que descreve molhos e

Eça descobre os sentidos, os hábitos e os valores – pregados ou em crise, conforme a época e o local – que a sociedade revela melhor do que nunca quando se senta para comer.

tempêros em tantos dos seus romances, e nesse exercício se revelam as preferências do palato de alguns imperadores (por exemplo, consta que Maximino gostava de pato e Augusto de pescadinhas), a majestade do Império Romano a partir da complexa confeção de um prato chamado *moreratum* (um guisado com carne, peixe, fruta, legumes e queijo) e a fama de Aftonetes, o cozinheiro grego com vocação especial para molhos e cujos serviços originaram disputas várias entre os que queriam contratá-lo.

Tal como nos romances, as crónicas de Eça de Queirós sobre o texto de Ateneu não atentam apenas no pormenor dos sabores e no detalhe das confeções. Por trás de cada gesto associado à comida, na sua preparação como na posterior degustação, Eça descobre os sentidos, os hábitos e os valores – pregados ou em crise, conforme a época e o local – que a sociedade revela melhor do que nunca quando se senta para comer.

A barriga da cristandade



Álvaro Cunqueiro dedicou muitas linhas da sua obra à importância da cozinha, nomeadamente da sua cozinha natal, a galega, cujas características descreveu no volume *A Cocina Galega*, editado em 1973. Quatro anos antes, publicou

aquele que é o seu mais emblemático contributo para as relações entre a comida e a história da cultura, onde percorre as muitas regiões da Europa num eixo cronológico sem limites, desvendando detalhes que marcaram as mesas ocidentais ao longo da história.

La Cocina Cristiana de Occidente (A Cozinha Cristã do Ocidente, editado em Portugal pela Relógio d'Água) visita as mesas dos imperadores e dos papas com a mesma erudição com que partilha episódios perdidos em crónicas ou documentos particulares de vários pontos da geografia a que chamamos Ocidente. Cunqueiro era um verdadeiro polígrafo, interessado em assuntos tão aparentemente afastados como as lendas, a comida, as viagens ou as práticas agrícolas. Como os bons polígrafos, sabia que o afastamento desses e de outros assuntos em relação uns aos outros é uma fronteira imaginária e artificial, forçada pela necessidade de atenção exhaustiva num determinado tema e permitida

pela compartimentação dos saberes que quase sempre caracterizou o ensino e a pedagogia vigente, e por isso falava de empanadas de lampreia com o mesmo rigor com que dissertava sobre a chegada dos bárbaros ao centro do Império Romano. Esse rigor não o afastava do reconhecimento de cada personagem referida em *La Cocina Cristiana de Occidente* como um seu igual, humano antes de qualquer outra coisa, tão passível de ceder ao pecado da gula como o próprio autor.

“Os imperadores comeram muito: comeram como imperadores. Comeram muito borrego, muito borracho, muito veado, muito faisão, muitas trutas. E foram gotosos e diabéticos. Que Deus os tenha na sua glória!” Assim termina o primeiro capítulo deste livro, abrindo a secção dedicada ao Império Germânico, e marcando o tom pouco hagiográfico mas sempre muito conhecedor que definirá todos os capítulos. Aos imperadores e aos papas sucedem nobres de



vários graus, cozinheiros, escritores ou simples habitantes de uma determinada vila ou aldeia onde o vinho, o peixe ou o queijo são apresentados como irresistíveis pitéus. A prosa de Cunqueiro não distingue os seus protagonistas pela posição que ocupavam na sociedade, mas sim pelo modo como caçam, pescam, colhem, confeccionam ou comem os alimentos de que mais gostam. À maneira de um diário, com entradas que foram sendo registadas ao longo de vários anos de leituras, viagens e, sobretudo, refeições memoráveis e vinhos das castas mais saborosas, *La Cocina Cristiana de Occidente* é um retrato gastronómico da Europa (com algumas incursões pelo continente americano) que confirma a comida, entre a criação, a recolha, a preparação e o consumo, como um elemento definidor dos traços que ajudam a definir um *continuum* cultural. E é igualmente um hino aos prazeres da mesa, local de encontro, experiência e partilha como não haverá outro na história da humanidade.

SFC

Fotografias © Sílvia Moldes

Projetos pelo mundo



Os livros não têm preço

É uma livraria, mas não vende livros. No número 7 da Calle Covarrubias, em Madrid, o Grupo 2013 instalou a Libros Libres, onde todos os títulos arrumados nas prateleiras e nos escaparates são gratuitos e onde qualquer pessoa pode entrar para se abastecer de leituras, podendo, igualmente, deixar livros que já não queira para que outros os levem. Inspirada na The Book Thing, uma livraria de Baltimore, nos Estados Unidos, cuja missão é colocar os livros que já ninguém parece querer nas mãos de quem os quer, a Libros Libres promete revolucionar o mercado editorial, escoando os livros sem hipótese de venda, bem como o conceito de partilha, permitindo que as pessoas deixem o que já não querem e levem aquilo de que precisam.

O projeto é do Grupo 2013 – Asociación de Maestros y Alumnos Solidarios, uma rede de professores e estudantes que oferecem as suas

aulas, o que permite a criação de bolsas para alunos carenciados. Dentro do Grupo 2013, a Libros Libres é apenas mais um projeto, mas o seu impacto na comunidade madrileña está a ser grande.

O desafio lançado às pessoas que começaram a frequentar o espaço e às que descobriram a livraria na internet ou nos meios de comunicação social que a divulgaram logo no início era simples: se cada pessoa contribuir com doze euros por ano, o equivalente a um euro por mês, seria possível manter o projeto em funcionamento por um ano. Mas segundo Alejandro de León, um dos membros do Grupo 2013, esse desafio já foi superado: “O nosso objetivo inicial era angariar trezentos e sessenta e cinco subscritores, mas neste momento já contamos com setecentos, o que significa que a Libros Libres vai poder funcionar por mais de um ano.” Para além disso, o projeto já conta com a colaboração de cerca de trinta voluntários, que asseguram o funcio-



namento diário, a reposição dos títulos, a arrumação e a limpeza. E todas as contribuições são bem vindas: para além dos livros para manter o stock, quem quiser pode oferecer-se para colaborar nos trabalhos diários ou ajudar a manter o pequeno café que a livraria alberga bem fornecido com um bolo feito em casa ou outros petiscos para saborear entre páginas.

Com um catálogo instável, que se expande à medida que os livros vão saindo e que outros vão chegando, o público da livraria é variado. “Vem aqui todo o tipo de pessoas, de estudantes a reformados, trabalhadores, desempregados. E vem também muita gente pela primeira vez, depois de ouvir falar de nós nos meios de comunicação social”, explica Alejandro. E quando lhe perguntamos pela reação das outras livrarias da vizinhança, onde se vendem os livros, não tem dúvidas: “Quanto mais gente ler, mais gente haverá a comprar livros. Além disso, os livros que aqui temos já foram vendidos pelo menos uma vez, ou então foram descartados pelas editoras porque não os conseguiam vender, por isso não creio que haja concorrência.” Apesar disso, algumas desconfianças por parte de outros livreiros têm sido manifestadas aqui e ali, em fóruns da internet ou conversas de café, mas Alejandro não perde a confiança no futuro do projeto. Para breve, o Grupo 2013 tem prevista a abertura de uma segunda livraria com estas características, ainda sem local definido. “O nosso grupo tem uma presença forte em Madrid e nas Astúrias, mas ainda não sabemos onde abrirá a nova Libros Libres.” Seja onde for, o conceito é para manter. Quem quiser renovar a biblioteca ou esvaziar algumas prateleiras, já sabe onde ir. E quem viver longe mas quiser, ainda assim, contribuir para este projeto e para a sua expansão, pode contribuir com um euro por mês. A Libros Libres agradece.

<http://www.grupo2013.com/>
<http://www.librerialibroslibres.org/>



Livros, literatura e leituras juvenis

Alice Vieira: a maturidade da obra juvenil; o regresso achimoso de Catarina Sobral; congressos, prémios e festivais com mais leituras e literatura, principalmente para adolescentes

Alice Vieira, Militante do Otimismo

De resistente na infância a jornalista no suplemento juvenil do *Diário de Lisboa*, Alice Vieira, nada em 1943 e criada em Lisboa, ainda hoje escreve sobre as mulheres, algumas amargas como as tias que a oprimiam, e as crianças, agora jovens, que sempre resistem e procuram a felicidade. As emoções, e a dimensão interior do sonho que lhe alimenta as personagens não conflitua com um sentido muito jornalista da sua escrita, pouco dada a excessos adverbiais e adjetivais. Uma vez jornalista, sempre jornalista. E se assume não ser nostálgica, é ao falar dos seus dois *Diários* (o de Lisboa e o de Notícias) que os olhos mais brilham. Sobre como começou a escrever, só uma referência *en passant*. Sobre os seus romances juvenis, cada vez mais transversais, memórias, apontamentos e o esqueleto da criação. Nas suas palavras.

Se lhe pedir o nome de uma personagem (dos livros juvenis), qual é o primeiro de que se lembra?

A Mariana, claro. Para já, porque é a primeira, porque me

marcou muito e porque modificou a minha vida toda. A partir dos três livros da Mariana, a *Rosa*, *Minha Irmã Rosa*, o *Lote 12*, 2º Fte. e o *Chocolate à Chuva*, foi uma volta de 180 graus. A minha vida mudou completamente e a Mariana está muito associada a essa mudança.

Por outro lado é uma personagem muito tirada da realidade. Era a minha filha quando tinha aquela idade, nesses três livros. De resto éramos todos nós, em 1969.

É aquela de quem mais gosta?

Não é daquelas que mais gosto. Eu até acho, o que é normal, que nesses primeiros livros se nota que eu estava a começar. Sobre tudo no *Rosa Minha Irmã Rosa* nota-se muito a vontade que eu tinha de dizer tudo. Pensei assim: não vou dizer mais nada. Portanto vou dizer aqui tudo o que eu quero.

O livro tem muito pouco diálogo... Bem sei que é uma espécie de diário. De qualquer modo o diálogo foi sempre uma coisa que me custou muito. Agora faço. Mas naqueles três primeiros livros, o diálogo é pouco. Não acho que sejam os melhores. Até porque estamos sempre à espera de irmos fazendo melhor, à medida que vamos escrevendo e envelhecendo.

Tenho personagens de quem

gosto muito de livros mais recentes.

Por exemplo?

Gosto muito da Inês Tavares, por exemplo. Diverti-me muito a fazer *As Palavras na Vida de Inês Tavares*. Aí tive muito a ajuda da minha neta, ao contrário da Rosa, que foi a ajuda da minha filha... Na Inês foi a minha neta, sobretudo ao nível das músicas: o que se ouve, o que não se ouve... Que já está ligeiramente desatualizado, também. Meses depois já estão desatualizados!



Também gosto muito das várias personagens do *Meia Hora para Mudar a Minha Vida*, que se passa num teatro amador e que não é muito cor de rosa...

Mas tem um final...

Não tem um final cor-de-rosa. Mas tem um final bom. Que abre uma esperança um pouco diferente, porque o caminho que lhe dá não é o caminho fácil de ir com o pai, nem de ficar na avó, e sim ela escolher voltar para onde estava. Gostei muito.

Aquelas personagens são muito

reais, aquele grupo é muito real, aquele teatro é muito real.

O lançamento foi feito lá, na Academia de Santo Amaro que conheci muito bem nos anos 70.

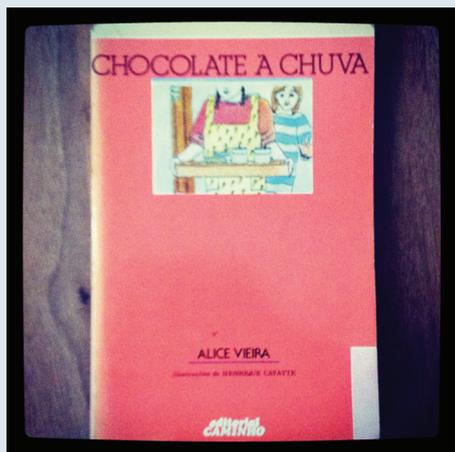
Vou gostando das personagens à medida que vou escrevendo. Não fico agarrada, nem mesmo à Mariana e à Rosa. Como disse é um marco.

Nem sinto sequer aquilo que muitos autores dizem: “Ah, quando acabo de escrever fico muito vazio!” Não fico nada. Quando acabo um tenho mais três para escrever.

Gosto mas não fico agarrada a eles, nem à história, nem às personagens. Parto para outra.

Nunca mais recuperou a personagem, nem continuou a série. Porquê?

Nunca. Porque era impossível.



Ou voltava à Mariana agora com 30 anos, e mãe de filhos...

Os miúdos que leem a *Rosa*, ou o *Lote 12*, ou o *Chocolate*, querem a continuação daquela história, em que a Mariana ainda é miúda, como eles, e passados

30 anos não dá.

Naquela altura, porque é que houve mais dois para além do *Rosa*, *Minha Irmã Rosa*?

Porque eu estava cheia de trabalho no Jornal e como o editor da Caminho me tinha pedido logo outro – com o prémio, o livro vendeu-se muito – pensei que era mais fácil continuar. E foi. Já tinha as personagens delineadas, o ambiente, e aquilo durou ainda mais dois livros, por causa do trabalho que eu tinha.

Ao fim do terceiro disse: “Não consigo.” Porque não consigo fazer séries compridas, sou muito racional, sou muito jornalista, e depois começo a fazer contas: as personagens já tiveram dez férias do natal, cinquenta férias da Páscoa... Eles já estão velhos. Ninguém pode, quando está a fazer uma série, fazer contas. Porque eles têm sempre a mesma idade. Para mim, isso era impossível. Uma trilogia foi o máximo que consegui fazer. De resto, não tenho mais nenhuma a não ser a de História de Portugal, com *A Espada do Rei Afonso* e *Este Rei que Eu Escolhi*, em que os miúdos são os mesmos, mas foram só dois livros.

Como surgiram esses livros?

Naquela altura, em plenos anos 80, o ensino estava muito barralhado, e um dia fui a uma escola no Algarve e um miúdo disse-me: “Gosto muito de História de Portugal, até sei quem foi o primeiro rei, o primeiro

rei foi o Camões.” Mas dizia-me aquilo com convicção, e eu aí fiquei muito danada e propus na Caminho fazer uma série, não para ensinar história, mas que os fizesse ter vontade de irem aprender história, ou gostarem de história. E escrevi *A Espada do Rei Afonso* e *Este Rei que Eu Escolhi*, que têm três irmãos e um Bobo, que é a figura de ligação entre os dois livros. O Bobo tem dois nomes diferentes. Num é D. Bibas, e foi inspirado no Bobo do Alexandre Herculano, que se chama D. Bibas, e no outro é o Arlequim, que é uma referência a um Bobo que há no Fernão Lopes.

Depois não tenho mais nenhuma sequência. Há alguns escritores que piscam o olho a uma personagem de um livro que aparece noutra, eu não tenho nada disso. Eu parto para outra história, as personagens são outras, é tudo novo.

É conhecida a sua dificuldade com as personagens masculinas. Há aquela célebre de A Viagem à Roda do Meu Nome...

Mas eu esforço-me! Essa foi para responder ao meu filho, que era pequeno na altura e se queixava de que os meus livros tinham mulheres a mais, e eu também acho que têm. E eu disse-lhe que no livro seguinte seria um rapaz, e foi, como personagem principal.

Personagens principais não há mais, mas há figuras masculinas: um casal de irmãos no Ca-

derno de agosto, por exemplo. Há um tipo que eu acho muito engraçado no *Um Fio de Fumo nos Confins do Mar*, que é um sindicalista, mas não são as figuras principais, isso não são.

Nem mesmo num livro que fiz para adultos, *Os Profetas*. Aí começa por ser uma figura principal, porque é um profeta, mas depois ele morre, isso é histórico, a sobrinha perde-se em Lisboa e como ela se perde sigo-a e faço dela uma personagem e aí está, é ela quem conta a história, na primeira pessoa, é ela quem conta as memórias... Há sempre uma mulher.

Neste momento estou a escrever um novo romance para adultos para a D. Quixote e há muitas mulheres. Mas este é vagamente autobiográfico, e como eu só tive mulheres à minha volta é muito difícil escrever sobre homens. É uma sociedade muito matriarcal, se calhar é por isso. Estou a pensar que tenho de pôr alguns homens no romance.

Outro aspeto muito forte na sua obra, são as famílias desestruturadas. A razão é só biográfica?

É e não é. Cada vez mais temos famílias diferentes, e também é para que os miúdos sintam que não é uma desgraça, há coisas bem piores.

E há muito poucas mães. Ou a mãe é uma personagem que quase não está, quase não aparece...

Mesmo na Rosa, a mãe aparece muito pouco.

Como leitora, nunca senti isso. Para mim aquela família sempre foi normal, afetiva...

Mas aí a mãe existe, só que aparece muito pouco. Quem aparece mais é a avó ou a memória da outra avó. Mas mesmo assim, é onde ainda aparece vagamente a figura da mãe.

Nos outros, as mães ou não existem, ou estão longe, ou ninguém sabe delas... Neste (*Meia Hora para Mudar a Minha Vida*) em que mãe era tão boa, matei-a a meio.

Mas não tenho assim grandes mães. Ou são um bocadinho tontas...



Como a de O Casamento da Minha Mãe...

Essa, diverti-me imenso! Sou muito leitora de revistas do coração. Há uns tempos ouvi o Pacheco Pereira dizer que nessas revistas é que está a verdadeira história do país e é verdade. Nessa altura (em que escrevi o livro) havia uma personagem que numa semana estava felicíssima, na outra semana já a

coisa não estava bem, na outra o homem era horroroso...Pensei: “Mas o que é isto?” E decidi fazer um livro baseado naquela história toda. E n’*O Casamento da Minha Mãe* ela só sabe da mãe através das revistas do coração.

Não tenho nenhum com uma mãe muito boa, extraordinária. Ou então são as segundas mulheres dos pais, essas também não são más.

Mas há sempre a figura da esperança...

Isso sempre, está cá dentro, é visceral. Não faço por isso. Pensei que quando uma pessoa tem uma infância muito complicada das duas uma: ou se deixa abater por ela ou reage.

Havia uma coisa engraçada, de resto isso entra nos meus livros, que era quando as velhotas me chamavam, eu sabia que aquilo era para me ralar, e lembro-me perfeitamente de dizer para mim: Elas não me vão matar. E lá ia. E lembro-me sempre de pensar: isto é muito mau, mas amanhã vai ser melhor, e vai ser melhor se eu quiser.

Porque é que fui sempre boa aluna? Porque eu queria sair de casa e sabia que para sair de casa tinha de ter trabalho e achava que para ter trabalho tinha de estudar muito.

O meu motivo para ser boa aluna, estudar e ler era sair de casa.

Diz que não é saudosista mas

trabalha com a memória.

Não sou nada saudosista mas digo sempre que me sinto uma pessoa privilegiada porque sou do tempo da caneta permanente e do computador, e as pessoas que conheci e de quem fui amiga e as pessoas de quem sou amiga agora... Portanto, eu tenho o passado recente e ainda tenho este futuro. Não sou nada saudosista e irrita-me muito quando as pessoas têm a memória curta e dizem: Ah, dantes é que era bom! Não era. Era muito complicado! Está bem, não havia alguns dos problemas que há hoje, mas havia outros e portanto não era fácil. Dizer dantes é que era é não saber nada, ou ter uma pala nos olhos, ou ser tonto. Agora, ter tido essa experiência e ter agora esta, é muito bom.

Até mesmo quando dizem que os jovens não leem nada, não é tão verdade. Para já leem mais do que nós pensamos, mesmo em livros, e depois leem de outra maneira. Se calhar não leem tantos livros em papel, mas têm outras maneiras de chegar ao conhecimento. As coisas acontecem sempre no seu tempo e temos muito a tendência de romancear o que ficou para trás. Isso é mau.

Acha que quem a lê hoje tem um perfil muito diferente dos leitores de há 30 anos?

Se calhar são diferentes, mas há uma coisa a que acho muita graça: um miúdo que começa

hoje a ler um livro meu parte do princípio de que ele foi escrito agora. Não nota, por exemplo nos primeiros, a falta de computadores, telemóveis... Nada! Eles leem a *Viagem à Roda do Meu Nome* e sou sempre eu que lhes digo: Oiçam lá, isto hoje podia acontecer; esta senhora passar este tempo todo a pensar que ia ter uma rapariga e depois ter um rapaz?

- Pois podia!

- Então não há ecografias? A pessoa quando está grávida não sabe logo que está grávida do Manuel ou da Maria?

-Ah, pois é!

Passa-lhes. O não haver telemóveis, na Rosa, os cromos... já ninguém coleciona cromos. Eles não entendem o tempo.

Mas eles compreendem à mesma...

Compreendem. Porque eu acho que o que escrevo tem muito mais a ver com aquilo que as pessoas sentem, os medos, as emoções, o resto é um bocadinho acessório.

E há outra coisa boa: os livros foram todos escritos agora e para eles eu não tenho idade. Como eles são filhos, querem sempre saber o que gostava que os meus filhos fossem. Aí eu rio-me e digo-lhes que os meus filhos já foram há muito tempo, porque já são adultos. Eles ficam muito espantados porque partem do princípio de que os meus filhos têm a idade deles.

São mais velhos do que antigamente?

Sim. E não fazem perguntas diferentes. A primeira escola onde fui, foi a escola dos meus filhos, obviamente. E as outras todas que se seguiram eram do 1º ciclo, terceiro, quarto ano... Agora são 6ºs, já fui aos 9ºs, e às vezes tenho professoras que me dizem: “Isto é muito complicado...”

Os adolescentes têm uma capacidade de compreensão e de atenção mínima, porque vivemos numa sociedade mais rápida, é tudo a correr, as mensagens são a correr, a televisão é a correr...

É assim, não podemos fazer nada contra isso.

Uma vez fui a uma escola, um bocado complicada, ali na Alta de Lisboa e a professora disse-me para lá estar ao meio-dia. Eu achei muito tarde. E ela disse-me que não, estava lá ao meio-dia e ao meio-dia e meia estava despachada. “É que não os aguento sentados mais do que meia hora!” E eram do 9º ano. Eu depois percebi isso. Naquela meia hora tudo bem, mas para mais do que isso não havia condições...

É normalíssimo que eles, com os jogos, o facebook, o twitter, com as redes sociais, tenham muito mais pontos de interesse para além dos livros... As pessoas dizem: Ah, eles leem pouco. Mas as pessoas não dizem que eles vão pouco ao teatro, ou



ao cinema ou ver exposições... Também não vão. É outro tipo de cultura.

Há boas memórias suas nos livros?

Há. Há pessoas que passaram pela minha vida e que consegui pôr nos livros.

As boas memórias que estão nos livros que faço são memórias de outra vida, de mim adulta, do tempo dos meus filhos... Da infância há essencialmente uma vontade de sair dela. Mas não muito mais.

E não concebo um livro que acabe mal. Aos jovens, acho que não temos o direito de lhes dizer: “Isto não tem solução!” Por que tem.

Mas para adultos já pode não ter?

Mesmo assim... Se as coisas forem mesmo muito más, muito más, hão de acabar por não ser, mas já não é como nos livros para jovens.

As motivações para escrever agora são as mesmas de há 30 anos?

Nem pouco mais ao menos. Agora são os meus patrões que me estabelecem horários e planos. Há trinta anos a minha profissão não era a escrita, escrevia se me apetecesse. Dantes um livro aparecia quando eu podia.

Agora os livros são a minha profissão, e portanto acho que devo escrever todos os dias, ter horários e não faltar aos prazos.

Quando temos uma profissão, temos de a exercer o melhor que sabemos. Agora escrevo muito mais do que escrevia dantes e trabalho muito mais agora do que trabalhava antes, porque tenho seis chancelas para quem escrevo.

Isso faz com que neste momento tenha um livro a sair na Texto, outro na Caminho e outro na Oficina do Livro.

Na Oficina são umas Histórias da Bíblia, ilustradas pela Carla Nazareth, está muito bonito. Na Caminho está a sair um de Histórias Tradicionais, ilustradas pelo João Fazenda, também está muito bonito. Na Texto, é um livro sobre expressões idiomáticas que tem uma historiazinha para cada uma delas, e também está muito bonito. Esses três estão mesmo, mesmo a sair.

E estou a trabalhar no livro para a D. Quixote, que é um romance. Agora só estou a pensar nisso e quando o acabar já tenho dois ou três em espera.

E nesses dois ou três, há algum juvenil?

Há um juvenil para a Caminho, e os outros são infantis. São Histórias Tradicionais, que eu gosto muito de fazer.

Porquê?

Quando chego a um país que não conheço, vou a uma livraria e a primeira coisa que faço é comprar histórias tradicionais desse país. Tenho uma coleção

de histórias tradicionais... Porque acho que as histórias tradicionais nos dão a conhecer a maneira de ser de um povo. Vamos às nossas histórias tradicionais e está lá tudo: as velhas manhosas, os frades manhosos, os que querem enganar o outro... Gosto muito disso.

Tinha uma coleção muito grande de Histórias Tradicionais na Caminho e há dois anos decidimos fazer a reedição porque muitas estão esgotadas. Para não se fazer apenas a reedição, aproveita-se uma dessas histórias que precisa de ser reeditada e junta-se uma nova.

Na Oficina do Livro, depois das Histórias da Bíblia, vou ter As Mil e Uma Noites. Na Oficina tenho histórias recontadas dos Grimm, do Perrault, do Andersen, agora da Bíblia e depois algumas das Mil e Uma Noite. Como os livros são pequenos, e têm todos o mesmo tamanho, tenho de ver quais vou escolher.

Sobre o que é que nunca falaria numa novela ou num romance juvenil?

Nunca escreveria sobre nada que não domino. Não falo daquilo que não conheço. Nunca escreveria um livro que se passasse no campo porque sou o mais urbana possível, e se fizesse isso era muito mentirosa.

Há temas de que não falo, não é porque ache que não se deva falar, porque acho que se deve falar de tudo, mas apenas porque não os domino. Às vezes

vou a uma escola e perguntam-me porque não escrevo um livro sobre a droga. Para escrever um livro sobre a droga teria de passar para aí um ano a acompanhar determinadas pessoas, a ver o trabalho de determinadas pessoas, a estudar... Não tenho disposição para isso, nem tempo.

Como disse, os meus livros são muito urbanos, tirando o *Viagem à Roda do Meu Nome*, que tem metade cá, metade nas Gafanhas de Aveiro, porque aquilo é a minha segunda terra, eu conheço-a tão bem quanto Lisboa, e é outra relação. E também não é bem, bem campo, é uma coisa muito estranha! É campo, é praia e é cidade. As pessoas são agricultores, mas também são marinheiros, e também são da cidade...

Mas é só isso. Não tenho problema nenhum em falar seja do que for, desde que esteja dentro do assunto.

Sobre o que é que lhe falta falar?

Ah, tanta coisa...

Mas também não tenho essa preocupação. Uma vez, quando estava a escrever o *Chocolate à Chuva*, estávamos a assistir muito de perto a um divórcio complicado de pais de amigos dos meus filhos e portanto aconteceu. Mas não forço nada, nunca sei o que vou escrever.

Mesmo nos juvenis, nunca sei. Começo e depois logo se vê no

que é que dá. Mas não tenho um assunto que diga que gostava muito de escrever sobre isto.

Nem para adultos?

Nem para adultos.

Para adultos vou escrevendo o que se vai passando. Gostava, às vezes penso nisso, de escrever um romance histórico, mas agora não. Agora toda a gente escreve romances históricos, portanto nem pensar...

Surpreendia-a se, daqui a 30 anos, fossem os adultos a ler os seus romances juvenis?

Ah, não me surpreendia nada. Até porque hoje já acontece os adultos lerem os meus romances juvenis. Aliás, aconteceu-me uma coisa há uns tempos muito engraçada: quando a *Visão* ofereceu com a revista dois livros de vários autores em que um era prosa e outro era poesia, o meu livro de poesia era para adultos, obviamente, e o romance que eu escolhi, *Às Dez a Porta Fechada*, não tinha indicação se era para adultos. Os adultos leram e todos acharam que era para si. Ninguém perguntou se era para crianças, se era para jovens. Portanto acho que na maior parte dos casos os meus romances juvenis são para todas as idades. Não são para pequeninos. A partir de uma idade em que eles já leem bem, a partir dos 13, 14...

Eu também acho que fui crescendo com as minhas personagens. Elas eram mais pequeni-

nas, depois foram crescendo e agora já são jovens e já são adultos. Mas sempre achei que os adultos poderiam ler os meus romances juvenis. Ficaria muito contente se daqui a muitos anos isso acontecesse.

Mas leriam com consciência ou sem ela?

Sem ela. Pensando que aquilo era para eles.

O que gostava que dissessem dos seus livros, daqui a 100 anos?

Gostava que os lessem. Ficaria muito contente. Vemos livros que são tão efémeros...

Mas não faço nada por isso. Os meus livros são atuais, mas isso não me incomoda.

Quando estamos a ler um livro, as referências culturais, as referências de lugar, as referências artísticas, nós gostamos de ler aquilo, de saber...

Eu sei que a linguagem dos miúdos muda. Mas é a linguagem daquele tempo. Dantes, quando se faziam reedições, perguntavam-me se queria emendar alguma coisa. Não emendo nada. Nunca emendei nada. Faço outro livro. Não tem justificação nenhuma estar a emendar. Porque não se diz agora assim, diz-se de outra maneira, porque já não se ouve esta cantiga... Nos meus primeiros livros, o que é que os miúdos cantavam? O *Chico Fininho* (Rui Veloso)! Mas é uma referência daquela época. Digo aos miúdos: "O livro foi

escrito naquele ano, vocês vão aqui e veem primeira edição, é daquele ano.” De resto, faço outras coisas. Agora, gostava muito que me lessem.

Incomodava-a ser catalogada como autora de livros juvenis?

Não me incomoda nada. Embora não goste nada de ser catalogada seja de que maneira for, nem eu, nem os outros. Mas estabeleço uma fronteira, não muito rígida.

Por exemplo, para a Texto escrevo livros didáticos. Faço-os o melhor que sei, para pôr alguma graça nas histórias, para não ser chata, para entusiasmar os miúdos. Mas todos aqueles livros têm um objetivo didático. Há um grupo de professoras que estabelece e me manda uma lista daquilo que devo fazer.

O resto é literatura, ponto. E não faço distinção se é para adultos, para jovens, para velhos... Noutro dia perguntaram-me se não escrevia para velhos. Por acaso até escrevo, escrevi um livro para as avós...

Para crianças pequenas escrevo muito pouco. Escrevi alguns para a Texto, As Histórias com Cheiro, e as Histórias Tradicionais, para a Caminho. Porque o resto já é tudo muito juvenil. Sou muito mais juvenil. E acho que isso é para ser lido por toda a gente.

Acha que é preciso legitimar a literatura juvenil?

Não sei se é preciso legitimar...

Porque não sei muito bem o que é um livro juvenil... Não há muito essa fronteira...

Por exemplo, aquela escritora que ganhou o ALMA em 2008, a Sonia Hartnett... São livros terríveis! São muito bem feitos, são muito bem escritos... Mas eu, a ter de catalogar, nunca catalogaria aqueles livros como literatura juvenil. Gosto muito do que ela escreve, mas para mim são romances.

Não sei se a literatura juvenil deve ser catalogada. A infantil é diferente, isso acho que sim. Mas tanto numa como noutra acho que o que deve primar é a qualidade. Tem de ser uma história bem feita. Agora toda a gente escreve livros para crianças. E toda a gente pensa que é aquilo.

É que depois temos muito pouca noção das coisas boas que se estão a publicar no estrangeiro e que não chegam cá... Se a gente pegasse em coisas que se publicam lá e olhasse, não fazia mais nada! Olhávamos para aquilo e corávamos de vergonha.

Faltam muitos livros, cá...

Até os brasileiros, sobretudo os brasileiros... Pegas num livro da Lygia Bojunga Nunes e os últimos livros... Para já, aquilo é literatura brasileira. E é a realidade brasileira. Tem coisas extremamente violentas, porque é aquela realidade de que ela fala!

E outros, os espanhóis. O que é

que conhecemos de Espanha?

Mesmo a literatura galega..

Sim, até os galegos, que se leem bem...E nem sequer chegam cá. E estão aqui ao lado. Ainda houve uma altura em que vagamente apareceram. O que é que aparece agora? Os álbuns para os mais novos, da Kalandraka e da OQO, porque juvenil não temos nada. Tivemos o Manelinho, Caixa de Óculos, que já foram publicados há anos, e não temos nada. Ninguém conhece nada.

Saiu recentemente mais um livro do David Almond, que é muito bom, mas muito difícil, até de catalogar...

Mas a *Alice no País das Maravilhas* não é difícil? Agora vamos ver quem é que o lê a sério. *O Rapto*, do Stevenson; eu adorava o Stevenson! São livros difíceis de serem lidos, e nós líamos. Eles, agora, que têm a cabecinha muito mais aberta, também devem ler. O mal é as pessoas partirem do princípio que eles se maçam, que não são capazes, e então não lhes dão. Não pode ser.

Não se pode falar da sua escrita e das suas boas memórias sem falar de jornalismo. Depois de colaborar com o Suplemento Juvenil do Diário de Lisboa, começou a trabalhar no próprio Suplemento, em 1961, e assim se iniciou a sua carreira de jornalista.

Como é que era o Suplemento Juvenil do Diário de Lisboa? O

que é que se escrevia?

O que se quisesse. O Suplemento começou por ser infantil. Era virado para os miúdos pequenos: 8 anos, 9 anos.

Eram eles quem enviava os textos?

Eram eles mesmos. Essa fase já não apanhei.

Quando comecei a escrever para lá, e depois quando fui para lá, era um suplemento dedicado aos jovens, e nos últimos anos era mesmo adulto, mas feito por jovens. Vivia dos textos que os jovens mandavam mas havia sempre duas páginas reservadas para noticiários. Nós, que trabalhávamos no suplemento, e outros como nós liam os jornais e faziam umas notícias, davam umas opiniões, era uma espécie de revista de imprensa. Era já muito politizado para a época. Por isso tinha cortes de censura de alto a baixo.

O que era censurado? Os textos que os colaboradores mandavam?

Até os desenhos! Tudo! Nós tínhamos sempre números prontos porque havia semanas em que o suplemento era cortado de alto a baixo, todo cortado: os poemas, os contos, os desenhos, as fotografias... então os noticiários!...

Depois fazíamos encontros no hall do *Diário de Lisboa*. Fizemos encontros com pessoas extraordinárias: com o Aquilino Ribeiro, com o Rogério Paulo, que era do teatro, com o Igrejas Caeiro... A fina flor passou por lá...

Para esse público juvenil?

Nós anunciávamos e os leitores iam lá. Lembro-me do encontro com o Aquilino Ribeiro, que foi extraordinário! Portanto aquilo mobilizava muita gente. Para já porque não havia nada igual. E todos os escritores, que têm hoje a minha idade, quase todos passaram por lá. Não me lembro de nenhum que não tivesse passado por lá: do Eduardo Prado Coelho à Luíza Neto Jorge, à Luísa Ducla Soares, o Nuno Júdice, o Jorge Silva Melo...

Todos! E eram colaboradores muito ativos.

Ainda hoje recebo pessoas que me dizem que escreveram umas coisas para lá. Está bem. Mas aqueles que eram o grupo principal, foi ali que começaram. Tivemos ali um grupo muito bom onde as coisas eram escritas e eram debatidas, onde se atribuíam prémios para o melhor artigo, para o melhor ensaio, para o melhor conto... E os prémios não eram nada maus. Quem nos patrocinava na altura era o Fósforo-ferrero.

Mas tinham prémios uma vez por ano?

Não, de quinze em quinze dias. Muita gente começou ali. E nos primeiros anos a seguir ao 25 de abril a política toda estava lá, o José Lello, a Ilda Figueiredo, que eram miúdos, na altura... A Hélia (Correia) era uma das grandes colaboradoras do Juvenil.

E vocês, na redação, contactavam mesmo com eles?

O suplemento era, inicialmente só feito pelo Mário, depois entrei eu. Era praticamente só feito por nós dois. Era só ler, ler, ler... Aquilo dava muito trabalho. Ler, seleccionar e depois responder. Porque havia uma página no final que era reservada ao correio, para responder às pessoas. Normalmente isso fazia eu.

Havia uma ligação muito grande. E depois tentar explicar-lhes nessa página porque é que os poemas deles não tinham sido publicados? Não podia dizer que tinham sido cortados pela censura. Tinha de arranjar maneira, e eles acabavam por perceber. Mas os cortes eram terríveis. Houve um jovem que não escrevia nada mal, e que ainda mandou vários poemas. Não sei se publicámos algum. Chamava-se Durão Barroso. Ainda há uns anos isso me caiu no colo e



Diário de Lisboa

mandei-lhos.

Vocês tinham critérios de idades?

De idades, sim... Mas a partir de certa altura passaram a ser só jovens com 17, 18 anos... Os mais pequenos eram muito poucos e depois deixou de haver. As exigências também já eram muitas, mas éramos muito rigorosos. Depois criávamos uma relação com alguns, ou porque iam para França e não tinham onde ficar e ficavam aqui em casa... Havia muito essa proximidade, e eram tempos difíceis para os miúdos, muitos iam para fora, até mesmo alguns que vinham para Lisboa à procura de outras coisas e caíam-nos aqui em casa. A base era sempre o juvenil, era a ligação que havia.

Depois os tempos foram outros, a direção do jornal achou que já não fazia sentido, e acabou-se.

E isso quando?

Mais tarde, já foi depois do 25 de abril.

E fazia falta, não fazia?

Eu acho que fazia. Embora hoje haja muitos blogues, às vezes ainda há gente que me diz: “Gostava de publicar isto, não tenho onde...” Houve uma altura, no *Jornal de Letras*, era o Luís Fagundes Duarte que estava à frente daquilo, em que ainda se publicaram uns textos, mas depois deixaram de publicar. E depois, uns anos mais tarde, houve o *DN Jovem*.

E o *DN Jovem* também fez história...

Exatamente. Os mais novos passaram por lá, quase todos... Portanto, faz todo o sentido. Apesar dos blogues... No tempo do *DN Jovem* não havia blogues mas apesar disso as pessoas gostam sempre de ver em papel e acho que fazia sentido.

Para além disso, não seria bom para o jornalismo e para vender jornais?

Eu acho que sim. Não sei porque é que as pessoas dos jornais não pensam nisso, porque acho que os jornais se vendiam mais. Se eu tiver uma coisa publicada naquele jornal amanhã, vou comprar. E os amigos todos, a família...

Os jornais, hoje, quase não têm nada: quase não há reportagens, artigos de fundo... Deve sentir uma grande amargura em relação a isso.

Sinto. Sobretudo em relação ao *Diário de Notícias*, que foi onde trabalhei mais anos. A amargura toda com o *Diário de Lisboa* foi quando ele acabou, fechou. Ainda hoje passo na Luz Soriano só para ver... O que está aberto, porque o *Diário Popular* também já fechou, é o *Diário de Notícias*, e custa-me muito lê-lo. Aconteceu-me uma coisa terrível: fui ao *Diário de Notícias* anteontem e já não ia lá desde que saí, há vinte anos. Então, levaram-me simpaticamente a ver a redação. Olhei para aquilo e pensei: “Eu hoje,

se trabalhasse aqui, era muito infeliz.” Porque estão todos em cima uns dos outros, porque... não sei porquê. É outra coisa e o jornal está muito mau. Estão todos, não é só aquele, mal feitos... Tem uma ou outra coisa boa, tem bons jornalistas...

Ainda noutra dia falava com um colega meu. A liberdade que eu tinha! Eu é que escolhia quem ia entrevistar, eu é que marcava as entrevistas, eu marcava a minha agenda, e depois ia dar conhecimento ao meu chefe de redação. Não era antes que lhe ia perguntar. E tinha uma liberdade total, mas total!

E hoje olho para eles, reduzidos a um espaço mínimo, a reproduzir as declarações da Lusa... e não estão assim tão diferentes uns dos outros.

Dantes nós sabíamos, se comprávamos o *Diário de Notícias* era isto, se comprávamos o *Correio da Manhã* era aquilo.

Diz que a sua primeira profissão é o jornalismo e só depois a escrita, e que a escrita jornalística se encontra nos seus livros. Então podemos depreender que a sua escrita jornalística seja literária?

Não há nada pior do que um jornalista fazer literatura num jornal. A minha escrita não era literária, era escoreita. Agora, a escrita dos romances é muito concisa, é muito a escrita que nos ensinavam no jornalismo, que era “adjetivos, cautela com eles, as palavras só quando fo-

rem precisas...” Era de um grande rigor. E vê-se nos meus livros que não há grandes pontos de exclamação, não há finais com aquelas frases apoteóticas... E também aquela ideia de acabar uma entrevista, uma reportagem e agora um romance com uma frase curta. Também aprendi no jornal que não se acaba nunca uma reportagem com diálogo.

Vivíamos num tempo em que os jornais estavam cheios de escritores: era o Urbano (Tavares Rodrigues), era o (Mário) Zambujal, era a Maria Judite de Carvalho, era o Mário (Castrim) e isso puxava-nos. E depois tínhamos os outros, da tarimba, que eram muito bons por causa disso e que nos ensinavam: “Tira isso, põe aquilo, que disparate...”, que não eram extraordinários jornalistas mas eram muito bons no dia a dia, e nós aprendíamos muito com eles.

Agora entra-se num jornal e têm todos a mesma idade, vinte ou trinta. Agora não se tem aqueles com quem se aprendia. E mesmo que se tenha, eles não têm tempo, porque são tantos... Foi das profissões em que hoje noto mais mudanças, de trabalho, mas sobretudo de relacionamento. O relacionamento que nós tínhamos, nesses anos, com os nossos colegas, ultrapassava o jornal, e tínhamos tempo. Eu tinha casa, marido e filhos, e tinha tempo. E era tão importante para nós o tempo em que estávamos na redação a

trabalhar como o tempo em que estávamos no Snob a comer bifes a dizer disparates e a rir, ou no Ribadouro, que era mesmo em frente ao *Diário de Notícias*. Havia tempo para esse convívio. Agora não... Isso é que faz falta. De resto os meus amigos continuam a ser os meus antigos companheiros dos jornais.

Qual foi a maior utopia que acalentou no 25 de abril?

Não sei se era utopia. Era a ideia de que íamos todos ser muito felizes. E outra coisa: de que íamos todos trabalhar muito em tudo. Era essa ideia: estamos a trabalhar para o bem comum, isto vai ser diferente, agora somos nós, desta vez ganhámos nós, e vamos fazer disto uma coisa que valha a pena.

Sente urgência em alguma coisa?

Neste momento, não. Não dependo de ninguém e ninguém depende de mim. Os filhos estão criados, os netos estão crescidos. Se tive alguma urgência foi de os ver assim. Claro que gostava de os ver ainda mais crescidos. Mas assim urgência, não tenho urgência de fazer alguma coisa que não fiz.

Que cheiro é que tem a sua máquina de escrever?

A minha máquina de escrever há de cheirar sempre a um cheiro estranhíssimo, que é o cheiro que tinha a redação do *Diário de Lisboa* e que é o cheiro que tinha a rua do *Diário de Lisboa*

nessa altura, a açúcar queimado. Para mim, máquina de escrever e jornal cheiram sempre a açúcar queimado.

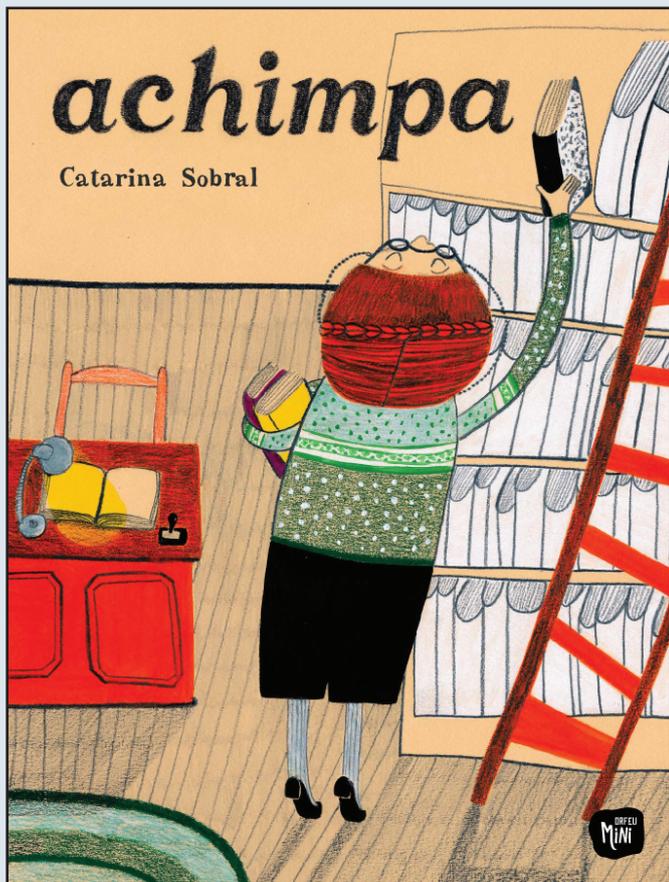
E é bom?

É muito bom!

**Entrevista de
Andreia Brites**

Destaques

A Gramática sai à Rua



Depois de *Greve*, a ilustradora portuguesa Catarina Sobral lança no início de novembro *Achimpa*, o seu segundo álbum, também com edição da Orfeu Negro.

Com uma voz muito original, começam a impor-se elementos que marcam a identidade de um discurso visual e textual coerente.

Em ambos os livros explora-se o sentido das palavras e a comunicação, criando situações inusitadas que desmontam o código semântico, o subvertem e ampliam. A animização dos pontos funciona para *Greve* como a apropriação de um palavra totalmente desconhecida funciona para *Achimpa*. Há uma condição irónica neste humor, sustentado pela revelação do óbvio e pela sua deslocação do contexto linguístico que é uma forma de alterar e questionar a ordem.

Apesar de ilustradora de formação e profissão, a língua enquanto tópico ou tema sempre a inte-

ressou. “Gosto de gramática, de etimologia, dos usos idiomáticos da língua, gosto de Raymond Queneau e dos *Exercícios de estilo*, de Augusto de Campos, Haroldo de Campos...”

Como não sou escritora ainda só estou a começar a explorar as ferramentas. No livro para crianças, o som das palavras, o ritmo do texto, o papel quase gramatical da quebra de página têm especial importância. E o facto de usar o próprio discurso como mote para a história contribui para chegar a textos mais «sonoros».”

Por isso, ao pensar os álbuns, foi o discurso verbal o que surgiu primeiro. No entanto, a relação com o discurso visual é umbilical, dialógica e complementar, independentemente das técnicas a que a autora recorre, e que foram distintas nos dois álbuns. “No resultado é diferente mas o princípio é o mesmo. A monotipia (aquilo que no *Greve* não é colagem) é uma reprodução única de um desenho executado, por pressão, numa superfície. Nesse sentido é mais aleatória e inesperada do que um desenho feito diretamente com materiais riscadores – o que eu faço a pastel de cera e a lápis no *Achimpa*. E embora neste já ocupe menos frequentemente todo o espaço da página, a maioria das ilustrações são tão densas como no *Greve*. Mas há outros elementos comuns: a alternância entre manchas de cor plana, texturas (muitas!) e padrões – que é notório, por exemplo, na ilustração do teleponto (*Greve*) e na ilustração do Parlamento (*Achimpa*) – as figuras pouco modeladas, as perspetivas estranhas. Além disso, volto a incluir referências, já não artísticas (como a Joyce, Hamlet, Kosuth...)”





mas a cidades: Lisboa (o 28, o táxi verde e preto, o Príncipe Real, a Ler Devagar), Porto (a Lello), Paris (Shakespeare and Company), Amsterdão, etc.”

O sentido do ridículo, a falácia do aparente conhecimento e o poder que se lhe associa são postos a nu numa espécie de travelling urbano acelerado, na tradição de Charlot ou M. Hulot, que estão sempre em trânsito.

É como se ‘Achimpa’ fosse um herói e não, tão somente, uma palavra de que ninguém sabe o significado. Catarina, porém, acrescenta-lhe outras referências. “Queria escrever um livro sobre classes de palavras e lembrei-me que podia subverter o motivo, de certa forma recorrente na literatura, do elo narrativo. Ou seja, que podia reproduzir a mesma estrutura que encontramos na lenda de Carlos Magno, no *Orlando furioso*, ou mesmo no livro para crianças *Um dia, um guarda-chuva...* substituindo o papel do objeto (o anel; as espadas, elmos e cavalos; o guarda-chuva) por uma palavra. No *Achimpa* a sequência dos eventos não é ditada porque esse objeto muda de dono mas porque uma palavra muda de classe. Isto só faria sentido inventando uma palavra que permitisse várias flexões (na altura também estava a rever *O tal canal*, onde abundam os neologismos, jogos homofónicos... cacofonias...). E por um qualquer impulso autoral a história teria de ser circular. Foi por isso que deixei o final por resolver (como diriam os escritores e ilustradores que assinam o manifesto do álbum ilustrado - <http://thepicturebook.co>: «The tidy ending if often dishonest».)”

Achimpa será lançado pela Orfeu Negro no início de novembro em Portugal. No Brasil sairá o álbum *Greve*, pela WMF, Martins Fontes, nos primeiros meses de 2013.

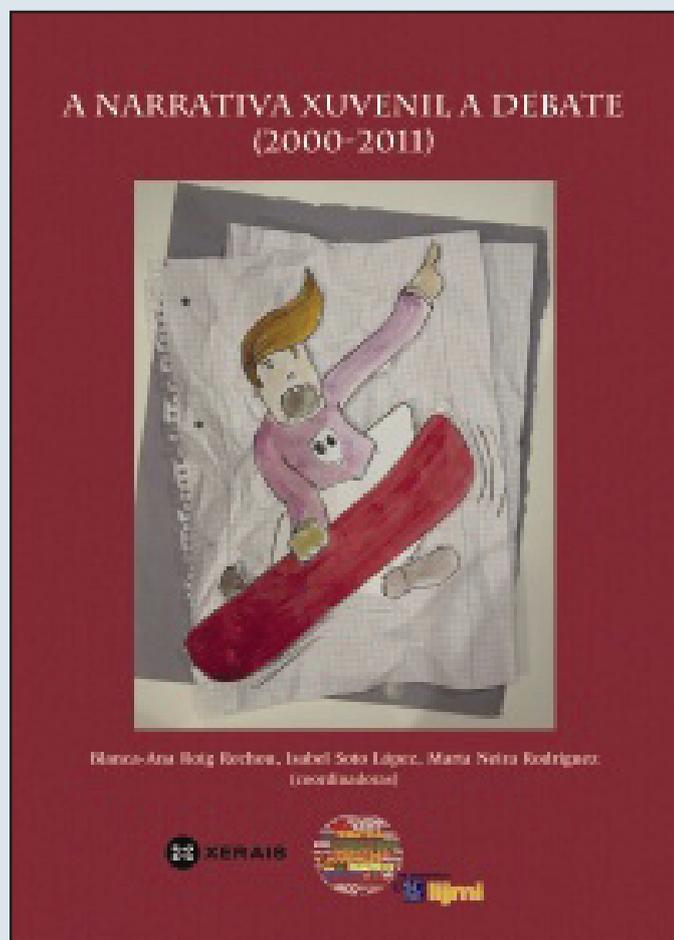


Narrativa juvenil: literatura, livros, mercado

A *Narrativa Xuvenil a Debate* (2000-2011) é uma monografia essencial para quem se interesse por literatura juvenil. Resulta de uma investigação levada a cabo por uma equipa de académicos que integram a LIJMI (Red Temática de Investigación “Las Literaturas Infantiles y Juveniles del Marco Ibérico e Iberoamericano”) e que foi apresentada em setembro, no final do Curso de Formación Continua “As literaturas infantís e xuvenís ibéricas. A sua influencia na formación lectora”.

Aqui encontramos 45 fichas bibliográficas de novelas e romances juvenis, originários de Espanha, Portugal, México, Uruguai e Brasil, tendo em comum o facto de todos serem considerados literatura de qualidade. Nestas fichas são dadas informações básicas sobre a temática, a estrutura e o estilo da escrita dos vários autores, realçando uma diversidade que contraria a ideia de que todos os livros para adolescentes e jovens respondem a fórmulas vazias de densidade, realismo ou complexidade. Temas como a morte, a iniciação sexual, a guerra, a identidade,

a pobreza, explorados numa perspectiva realista, habitam lado a lado com mundos fantásticos, aventuras policiais, experiências sobrenaturais. Alguns dos livros espanhóis abordam o Franquismo e o efeito da Guerra Civil, tanto quanto os brasileiros exploram a corrupção, a violência e o crime, mesmo que numa aventura policial.



Para além da função de divulgação, a monografia dedica grande parte das suas 359 páginas à análise literária. A abrir o volume dois ensaios sobre a literatura juvenil.

No primeiro, Maria Madalena M. C. Teixeira da Silva delimita o universo volátil da juvenília, associando-o ao da Idade Média, por considerar que ambas as épocas funcionam como uma ponte: “No âmbito da profunda crise do homem consciente da sua vulnerabilidade de ser no tempo, a experiência do adolescente, que não abandonou ainda inteiramente a ingenuidade e a vivência intemporal da infância, mas começa a tomar consciência de si mesmo e da sua existência no tempo, permite rever, de forma crítica, a

identidade do homem individual e da sociedade, refazendo o percurso de construção da Modernidade.” Em seguida, elenca, sem dogmatismos, diversas características da literatura juvenil, do ponto de vista temático e estrutural. Se as narrativas realistas, tendencialmente prolíficas em referências ao presente (linguagem e ícones) e parcias em figuras adultas, podem rapidamente perder o interesse, a verdade é que uma boa composição literária ultrapassa habilmente essa aparente limitação. A investigadora destaca a polifonia, o humor, a narração heterodiegética, a co-existência de géneros e tipologias textuais, o sentido crítico e a criação de uma densidade emotiva na narrativa de personagem como elementos que valorizam a obra num sentido literário, muito para além da fórmula, que considera em grande parte didática.

Por outro lado, a narrativa fantástica permite mais facilmente a influência do adulto e os dilemas éticos próprios de um romance ou novela de iniciação ou crescimento.

No segundo ensaio, a professora Gemma Luch analisa o contexto da edição e do mercado, e as suas consequências na receção da literatura pelos jovens, concluindo que se deu uma alteração de paradigma, como aliás aconteceu também com os adultos. O acesso mais direto ao livro, ao autor e a outros leitores, através de todas as plataformas virtuais que editoras, autores, livreiros, mediadores e leitores movimentam, fez com que chegasse ao adolescente informação preciosa que o ajuda a escolher o que quer ler, independentemente de ter uma motivação pessoal ou de grupo. Estes livros têm características híbridas, apostando no diálogo, em pouco espaço para descrições, num narrador que conta, no essencial, apenas factos, sem grandes reflexões ou momentos que obriguem o leitor a fazer inferências. Segundo Luch, há ainda a «regla del yo», que visa fundir autor, leitor e personagem-narrador numa única personagem: a do adolescente que lê aquele livro. Há, evidentemente, uma maior tendência para a previsibilidade da

leitura e para a sensação de compreensão que dá ao leitor, seja adolescente ou não, uma experiência de sucesso, levando-o a procurar mais livros desse género.

Os ensaios complementam-se e, sem maniqueísmos, o leitor percebe que o verdadeiro texto literário tem mais condições para sobreviver no tempo do que as fórmulas. Todavia, é delas que muitos leitores se alimentam não apenas enquanto adolescentes, mas ao longo de todo o seu percurso.

As 22 resenhas críticas que incorporam a parte final do livro exemplificam bem o que se deseja ser um texto literário e clarificam zonas muito cinzentas nesta aparente antinomia. Agustín Fernández Paz, Alice Vieira, Ana Saldanha, António Mota, Elia Barceló, Magdalena Helguera, Marilar Aleixandre ou Gustavo Bernardo são alguns dos autores com livros resenhados no volume.

A monografia congrega duas valências que raramente se encontram: a da consulta e a do pensamento.

VI Conferência do PNL: Aprender a Ler



Realizou-se nos dias 2 e 3 de outubro a 6.^a Conferência Internacional do Plano Nacional de Leitura Português.

Nos dois dias em que durou o encontro, o enfoque principal foi dado à sustentação da com-

petência leitora. Num primeiro ciclo de cinco anos, a estratégia de promoção da leitura do PNL dirigiu-se para o acesso generalizado ao livro e à leitura, dotando uma grande maioria das bibliotecas escolares do primeiro ciclo e muitas de 2º e 3º ciclo de verba para a aquisição de fundos, e sensibilizando os professores para a leitura recreativa e extensiva em sala de aula, entre outros projetos de formação de mediadores: bibliotecários, professores bibliotecários e pais.

Desde o ano passado, o Plano Nacional de Leitura tem vindo a privilegiar o desenvolvimento da competência leitora, implementando no terreno a sua máxima orientadora: Ler Mais, Ler Melhor.

Sobre a aquisição da leitura, Jonathan Grainger, logo na conferência de abertura, apresentou dois caminhos: um de identificação visual holística da palavra e outro de segmentação da palavra e associação fonológica e grafémica.

Adriana Baptista demonstrou os mecanismos de leitura de textos bimodais, e os critérios que devem presidir à co-existência de texto e imagem na página, para que esta última não tenha um efeito dispersor e sim sedutor. Princípios de contiguidade e coerência mostram-se fundamentais para que a criança não se sinta confusa.

No final do primeiro dia foram apresentados dois projetos com o apoio do PNL. Teresa Piva sumariou a formação que a sua equipa deu a diversos grupos de professores, no sentido de os sensibilizar para a importância do sono. Pretende-se que neste novo ano sejam os professores a passar esta mensagem aos alunos, envolvendo-os em projetos sobre o assunto. Fernanda Leopoldina Viana explicou em que consiste o concurso a que todas as escolas nacionais que integrem o ensino secundário podem concorrer: criar um projeto de promoção da leitura, mediado pelos adolescentes, junto da sua comunidade. Depois de selecionados os projetos, estes serão apoiados financeiramente pelo próprio PNL e acompanhados pela Universidade do Minho.

No dia 3, o grande destaque foi para a conferência da Princesa Laurentien da Holanda, que defendeu, num discurso claramente político e muito entusiástico, a promoção da leitura como um direito à literacia. Como presidente do grupo de trabalho da Comunidade Europeia, apresentou as conclusões do estudo sobre literacia e pediu a todos que se envolvessem, e que assumissem as suas responsabilidades. “Se aceitamos um número [de pessoas com competências de literacia] inferior a 100%, aceitamos que haja crianças que ficam automaticamente para trás.”

A sala, que estava cheia, rendeu-se e aplaudiu.

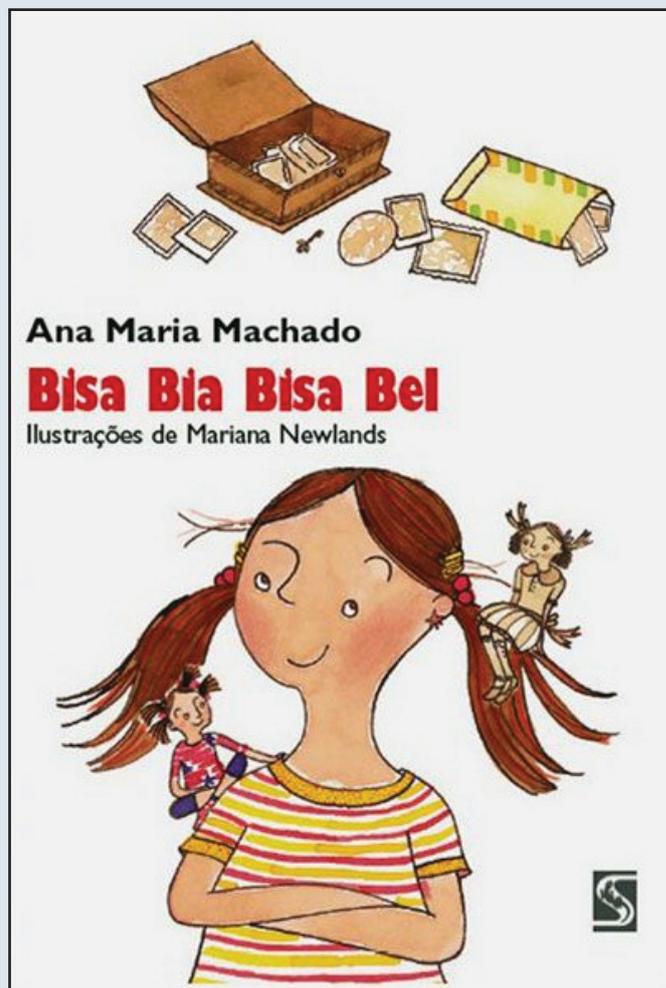
<http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/index1.php>

Prémio Iberoamericano SM reconhece Ana Maria Machado

A escritora Ana Maria Machado (n. 1941) foi a vencedora da VIII edição do Prémio Iberoamericano SM de Literatura Infantil e Juvenil, e o segundo nome brasileiro a merecer esta distinção. Sendo uma veterana da literatura infantil e juvenil, com mais de 100 livros publicados, para todos os públicos e em diversos géneros, a biografia da escritora impressiona. Para além do Prémio Jabuti, foi a primeira autora com uma obra maioritariamente infantil e juvenil a ter assento na Academia Brasileira de Letras, em 2003, não sem antes ser distinguida com o Prémio Hans Christian Andersen, o Nobel da Literatura Infantil, em 2000.

No comunicado de imprensa, o júri do Prémio Iberoamericano SM de Literatura Infantil e Juvenil destaca como argumento de peso as revoluções que a escrita da autora operou: “Su obra literaria, dirigida a niños, jóvenes y adultos, aborda un amplio registro de temas y el tratamiento de los mismos ha revolucionado las nociones de género, de tradición y de alteridad en el mundo de la literatura para niños y jóvenes. El compromiso social y la reflexión sobre la li-

teratura han sido puntos clave en el desarrollo de sus escritos teóricos, y otro punto relevante de su obra es la recreación de la cultura brasileña a la que su escritura otorga una proyección universal.”



Bisa Bia, Bisa Bel é o seu livro mais premiado, mas a vastíssima bibliografia conta com inúmeros títulos recomendados, vencedores de prémios regionais, nacionais e internacionais. Valores e conflitos como a amizade, o primeiro amor, a tirania e a opressão, a memória, e a identidade circulam dentro de teias familiares e sociais, na maior parte das vezes legitimadas pela coloquialidade das personagens, que assim expressam a sua própria complexidade.

O Prémio SM foi fundado em 2005, no ano Iberoamericano da Leitura com o objetivo de fomentar a literatura infantil e juvenil por toda esta geografia intercontinental. Por isso conta com diversas instituições dos países envolvidos, entre os quais a DGLAB, em Portugal, que esco-

Iheu como candidato português para esta edição o escritor António Mota.

Sendo um Prémio de reconhecimento pela carreira literária, já distinguiu, entre outros, Bartolomeu Campos de Queirós, Maria Teresa Andruetto e Agustín Fernández Paz.

O Prémio será entregue no dia 27 de novembro, na Feira Internacional do Livro de Guadalajara, no México.

<http://www.iberamericanosm-lij.com/>
<http://www.anamariamachado.com/home/>

Prémio ALMA 2013, sala de espera

Foram anunciados, na Feira do Livro de Frankfurt, os candidatos à edição de 2013 do Prémio ALMA (Astrid Lindgren Memorial Award). Sendo o mais importante prémio mundial na área da literatura infantil e juvenil e da promoção da leitura, o presidente do júri, Larry Lempert, fez notar o aumento de candidaturas, assim como das instituições que as propuseram. Os números são esclarecedores: de entre os 207 nomeados, 61 são-no pela primeira vez. Nesta edição,

há representantes de 67 países por todo o mundo, entre escritores, ilustradores, promotores da leitura (individuais e instituições) e contadores de histórias.

O Reino Unido é um dos países com mais nomes na lista e, na sua maioria, são repetentes. Entre eles contam-se Quentin Blake, Aidan Chambers, David Almond, Babette Cole ou Michael Foreman. Do Irão, os nomes são maioritariamente de ilustradores, fazendo jus ao reconhecimento internacional da ilustração iraniana. Referências incontornáveis não faltam: Roberto Innocenti, Michael Rosen, Peter Sís (um dos vencedores da edição de 2012 do Prémio Hans Christian Andersen), Wolf Erlbruch, Jan Lööf, Katsumi Komagata são apenas uma ínfima parte desta seleção de top.

Quanto às instituições presentes, há as mais conhecidas, como o IBBY Internacional, a International Youth Library, o Booktrust ou a Hamelin, e outras que aqui ganham espaço para se darem a conhecer, como a AÇEV (Mother and Child Education Foundation) da Turquia, a Sikkha Ásia Foundation da Tailândia e, entre outras mais, o Programme Planète, do Burkina Faso.



The nominees for the 2013
Astrid Lindgren Memorial Award

207 candidates
from 67 countries

O universo iberoamericano inscreve 19 candidaturas de 10 países, entre escritores, ilustradores, promotores de leitura e instituições, confirmando-se como um núcleo de peso. O ilustrador mexicano Gabriel Pacheco, a ilustradora espanhola Elena Odriozola, o promotor da leitura brasileiro Maurício Leite são alguns dos nomeados. De Angola chegam dois escritores, Maria João e Maria Eugénia Neto.

Em Portugal, a seleção coube à DGLAB (Direção Geral do Livro, Arquivos e Bibliotecas) à imagem do que aconteceu em anos anteriores e a escolha recaiu sobre o escritor António Torrado e a editora Planeta Tangerina, que concorre como entidade promotora da leitura, tal como no ano passado.

O processo de nomeações é faseado, começando com a ratificação, pelo jurí do Prémio, das entidades nomeadoras e da atribuição do número de candidaturas a cada uma. Depois, o jurí decide se integra ou não os candidatos escolhidos pelas diversas entidades e finalmente acrescenta os seus próprios candidatos. Tais critérios possibilitam que, por exemplo, a instituição venezuelana El Banco del Libro, distinguida com o Prémio em 2007, possa nomear por exemplo a ilustradora argentina Isol, não agrilhoando o trabalho dos autores, promotores e contadores, a título individual ou institucional, às fronteiras dos seus países, que os poderão condicionar por diversas razões, entre as quais políticas.

Mais do que a expectativa de vencer, constar nesta lista significa dar a conhecer projetos, e nisso o site do ALMA é precioso: para além dos nomeados para a edição de 2013, ali podemos encontrar todas as listas, desde 2002, ano inaugural deste Prémio que celebra Astrid Lindgren. Para todos os que se dedicam à leitura abre-se no ecrã um mundo de aprendizagem, com qualidade inequívoca.

O anúncio do Prémio ALMA será feito em direto da Suécia, no dia 26 de março, a partir da Feira Internacional do Livro Infantil de Bolonha,

como acontece todos os anos.

<http://www.alma.se/en/>

Outubro, mês de Children's Book Festival



Durante todo o mês de outubro a Irlanda comemora o livro e a leitura para crianças, do berço à adolescência. O Children's Book Festival conta já com 22 anos de existência, desenvolvendo iniciativas em Bibliotecas, escolas e livrarias por todo o país e também na Irlanda do Norte. O CBI (Children's Books Ireland começou a colaborar com o Festival em 1990, concebendo um guia de leituras recomendadas que tem vindo a editar anualmente, integrado na programação do Festival que agora organiza.

Este ano, de entre os autores convidados, constam Cressida Cowell, autora do bestseller *How to Train Your Dragon* e Eoin Colfer, autor da saga "Artemis Fowl". Para além de apresentações de livros, os escritores terão encontros com o público juvenil.

Dois concursos merecem destaque: a quinta edição do O'Brien Press Cover Design Competition, em que candidatos a designers concebem uma nova capa para o livro *Adam's Starling*, de Gillian Perdue, originalmente publicado em 2002; e um concurso de escrita criativa a partir do título e da capa do livro de Verónica Bennett, *The Broomstick Bike*, em que todas as crianças com menos de 11 anos podem participar, entregando os originais na Biblioteca da zona onde vivem ou enviando pelo correio para a organização.

Haverá ainda visitas especiais dos Médicos dos Livros, que recomendarão livros e partilharão informações especiais sobre os autores preferidos dos mais novos. A agenda é extensa na geografia e nos temas e aproxima distâncias, quer pelos roteiros dos escritores e ilustradores, quer pelas atividades online. A relação estreita com as bibliotecas locais e entre estas e as escolas potencia o alcance do Festival, que já integra a identidade leitora da Irlanda, alargando assim o estatuto de Dublin, capital da Literatura pela UNESCO, a todo o país.

<http://www.childrensbooksireland.ie/childrens-book-festival/festival-programme/>

Saramaguiana

José Saramago entrevistado
por Ana Sousa Dias

Fotografias de João Francisco Vilhena



1922
2012
S JOSÉ
SARAMAGO
90 ANOS
90 YEARS
ANOS

A casa é sossegada, centrada na ampla cozinha, e está cheia de cavalos – pequenos objectos, delicadas esculturas, desenhos. Há cavalos sobre mesas, nas estantes, nas paredes. A explicação para este, digamos, problema está n’*As Pequenas Memórias*, livro que não estava ainda publicado quando a entrevista foi feita.

Antes de franquear a porta da casa de Pilar e Saramago, há que desembarcar em Lanzarote, a ilha mais oriental das Canárias, salva da aridez por uma perseverante operação de des-salinização da água do mar, salva da avidez da especulação por apertadas regras urbanísticas iniciadas por César Manrique [1919-1992]. O artista moldou amorosamente o território e deixou uma herança de respeito pela ecologia do lugar, hoje considerado “reserva da biosfera”. A marca mais óbvia está na Fundação com o seu nome, na casa onde viveu, mas também no rigoroso funcionamento do turismo em Timanfaya ou no aproveitamento espectacular dos Jameos del Agua e de outros espaços esculpidos pela natureza.

Este é ainda um mês quente do

fim do Verão de 2006 e todos os dias há notícias de homens e mulheres exaustos que chegam às ilhas Canárias em frágeis embarcações sobrelotadas, arriscando tudo para trocar a pobreza exangue de África por uma miragem europeia.

A ilha é negra e dura, feita de lava recente, e cada planta protegida dos ventos alísios por um muro de pedra parece um milagre. Dirá Saramago que para pintar a ilha de verde basta um pouco de água, e fará desta imagem uma parábola que caberia, inteira, nos livros que escreve.

No andar de cima da casa fica o lugar onde José Saramago escreve, em baixo o escritório de Pilar, com equipamento para os programas de rádio que faz regularmente em directo e um computador onde se sucedem os e-mails relacionados com ambos.

Do outro lado da rua, seis jovens catalogam os 20 mil livros do casal, finalmente arrumados, na novíssima biblioteca em cujo jardim foi plantada uma frágil haste de oliveira portuguesa. Todos sabem que em pouco tempo a haste se fará árvore, porque assim foi no jardim da casa, onde pequenos rebentos se tornaram romãzeiras, alfarrobeiras, palmeiras, uma altíssima araucária.

A entrevista é gravada na sala,

sem interrupções, e começa com Saramago a explicar os cavalos. “Vou ler-te”, anuncia. Pega numa prova d’*As Pequenas Memórias*. “O meu problema com os cavalos é mais pungente, daquelas coisas que ficam a doer para toda a vida na alma de uma pessoa. Uma irmã da minha mãe, Maria Elvira de seu nome, estava casada com um certo Francisco Dinis...”

Lanzarote é tão diferente da Azinhaga, onde nasceste, uma terra ribatejana fértil, com imensa água, e tão diferente de Lisboa. Os lugares onde vives reflectem-se na sua escrita?

Há um velho romance que publiquei em 1947, a *Terra do Pecado*, que devia chamar-se *A Viúva*, que nunca mais li mas recordo-me que passa muito pela Azinhaga. A classe social ali apresentada não é a minha, são grandes proprietários rurais, que conhecia e sabia como viviam. Algumas situações vividas por mim como criança aparecem no livro. Na minha poesia pode encontrar-se alusões, de forma indirecta, transposta, a ambientes campestres.

Muitos anos mais tarde, aparece o *Levantado do Chão*. O primeiro projecto foi instalar-me na Quinta da Cruz da Légua, na aldeia entre a Azinhaga e Santa-rém, por onde eu tinha passado. Era um microcosmos, interessava-me saber como eram as relações de trabalho e de dependência, a presença da Igreja. Conhecia demasiado bem a



Azinhaga e não queria correr o risco de fazer retratos de pessoas próximas. É nesta altura que se me apresenta o Alentejo, o Lavre. Estávamos em 75, com toda a confusão, perdi o meu trabalho no “Diário de Notícias” e pensei ir para o Lavre. Escrevi uma carta a perguntar se havia maneira de me acomodar lá e responderam-me: “venha imediatamente, tem todas as condições para estar aqui tranquilo”. Fiquei num quarto de um prédio de um antigo proprietário – aquilo tinha sido ocupado – e foi aí que eu recolhi material, falei com muita gente. O livro está aí.

Estás a falar sobretudo das pessoas, a pergunta era sobre os lugares.

Sim, são pessoas e também o lado físico da questão: o sítio, o lugar, as casas, a paisagem. A primeira ideia a seguir ao *Levantado do Chão* – ficou atrás o *Manual de Pintura e Caligrafia*, mas deixemo-lo – foi para *O Ano da Morte de Ricardo Reis*. Assustou-me a ideia de meter-me no sarilho de falar de Fernando Pessoa e de Ricardo Reis, com os pessoanos todos de Portugal de olho posto no livro à procura dos disparates. Tinha-me entretanto aparecido a ideia do *Memorial*, que nasceu simplesmente de uma frase dita diante do Convento a três ou quatro pessoas que estavam comigo. Disse, olhando para o Palácio (aquilo que a gente vê de fora é o palácio, não é o con-

vento): “gostava de meter isto um dia dentro de um romance”. E disse isto em voz alta. Se eu tivesse pensado apenas, talvez o romance não existisse. Mas tinha assumido publicamente um compromisso. Então deixei o Ricardo Reis em paz e atirei-me ao *Memorial do Convento* e do balanço adquirido veio *O Ano da Morte de Ricardo Reis*. Os dois estão aí.

O Ano da Morte de Ricardo Reis passa-se em Lisboa.

É Lisboa mas não a Lisboa da ocasião, é um pouco da minha própria memória. Nasci em 22, aquilo é 35 ou 36, portanto andava pelos meus 13 anos a caminho dos 14. Algumas coisas são autênticas recordações de ambientes, não de factos.

Numa conversa com uma jornalista brasileira em Lisboa, estávamos a dizer que os portugueses têm sempre um pé cá e outro lá. E eu de repente disse: “é assim como se a península se tivesse ido embora”. Uma frase solta, desta maneira. Continuei a pensar nela, e nasce a *Jangada de Pedra*. Aparece na altura da integração dos dois países ibéricos na Europa e o livro foi tomado como um ataque porque aparentemente assim é: se a península se vai embora é porque não quer estar na Europa. Um crítico catalão escreveu um artigo em que diz “o que o José Saramago quer é levar a Europa para o sul, a Península Ibérica puxando a Europa para o sul”. E de facto...

É aí que a Espanha se junta a Portugal na tua obra?

Sim, mas repara que isso tem uma relação forte com algo que eu andava a dizer já há tempos: em primeiro lugar sou português, depois sou ibérico, e em terceiro lugar, se me apetecer, sou europeu.

E apetece-te?

Ninguém sabe o que é a Europa. O Eduardo Lourenço disse uma vez que a Europa não existe. O problema sempre foi este: quem manda? Um manda e os outros vão atrás, a contragosto ou não, não têm outro remédio. Agora é menos fácil identificar quem manda mas a cabeça não está em Paris nem em Londres, está em Berlim. O Umberto Eco disse que dentro de 50 anos a Europa será islâmica. Pode acontecer, outras coisas se viram no passado.

A ideia da Península Ibérica disparada para o sul era um bocado ingénua, evidentemente, mas a gente também vive da ingenuidade. Falamos tanto do sul, o sul vítima da exploração, o sul como ideal, o sul como lugar do paraíso, para onde correm os turistas sempre... era como se a Península Ibérica, colocando-se ali, fosse o embrião de um desenvolvimento cultural que reunisse a Europa, a América e a África e fosse, de uma certa maneira, uma ponte. Ilusões de adolescente, mesmo se eu já tinha muita idade na altura. Mas o livro está aí. E gostei de que



esse homem tivesse dito que eu queria levar a Europa para o Sul. Tornou-se-me claro algo que eu apenas intuía confusamente.

Lanzarote é a tua Jangada de Pedra?

Tudo são jangadas e isto não é exactamente a minha, vim parar aqui por acaso, como sabes, e conheces a história. Não escolhi. É curioso como são as coisas: o primeiro-ministro do governo que censurou *O Evangelho segundo Jesus Cristo* é hoje Presidente da República e não tem vergonha de o ser.

Depois vem um livro estranho que é a *História do Cerco de Lisboa*. A primeira ideia era na linha do *Deserto dos Tártaros* do [Dino] Buzzati. Um cerco em que não se percebia muito bem quem cercava nem quem era cercado. Usemos a palavra: um pouco kafkiano. Isso andou na minha cabeça durante uma quantidade de anos até que me dispus a escrever o livro já com um objectivo completamente diferente. Em princípio, toda a gente parte do cerco de 1385, mas não, os cercados são os mouros. E entre as figuras simpáticas do livro algumas delas são mouros.

Estavas a islamizar a história...

Não tarda muito chamam-me infiltrado do Islão... Não era um Islão pacífico mas era um Islão sem terrorismo, vamos pôr a questão assim. Também se pode pensar nas actividades

terroristas dos exércitos quando matavam crianças e mulheres à espadeirada e queimavam as casas. Isto não mudou muito. Continuamos a ser aquilo que éramos e vamos continuar, se Deus quiser. E como Deus não parece querer outra coisa...

Achas que não mudou muito?

O ser humano? Não, o ser humano é uma besta. E pior que isso: não temos solução. Sinceiramente, e não o digo para me fazer interessante. Olho para trás, olho para o agora e imagino o que vem. Não vejo nada que me diga que o Homem tenha solução. Não resolvemos nada de essencial. Criámos riqueza material, muitas vezes à custa de reduzir à pobreza, à humilhação e à fome massas humanas enormes.

E a ciência?

A ciência é como todas as coisas que saem da nossa cabeça, tem um lado bom, tem um lado mau, confirme as utilizes. Evidentemente que sim, criámos a ciência, e criámos até uma coisa que parecia que não estava na tabela: criámos o amor, inventámo-lo.

Não estava previsto?

Como é que poderia estar? Uns quantos animais que andavam por aí, meio macacos meio humanos, governados praticamente pelo instinto e que se desenvolveram ao longo de uma quantidade de anos. Foi preciso inventá-lo.

E isso não mudou tudo?

Mudou tudo mas não mudou tudo. Mudou a vida, ou pode mudar a vida, ou influir na vida das pessoas que experimentam esse tipo de sentimentos, mas no fundo não muda. Não muda, não muda.

Há sempre nos teus romances alguma coisa que é redentora, e é sempre o amor.

Mas durante quanto tempo? Podemos falar do amor no *Memorial*, embora não haja aí palavras de amor.

Um dos acontecimentos mais extraordinários da minha vida de escritor é ter escrito um romance com uma grande história de amor – não tenho pejo nenhum de dizê-lo – sem que nenhum dos dois tenha tido necessidade alguma vez de dizer Gosto de ti, Amo-te, Os teus olhos são como as estrelas, não sei o quê. Não há nada disso e não foi intencional. Só no fim é que me dei conta de que não havia uma palavra de amor, uma só, em todo o livro. Pode parecer deliberado ao leitor, ao crítico, ao estudioso, mas foi involuntário.

E quando digo que não temos solução...

Estou a pensar no Ensaio sobre a Cegueira, e no final que é um recomeço.

Realmente as pessoas recuperam a vista, de acordo. Realmente há essa figura admirável da mulher do médico – não porque eu a tinha feito assim mas porque ela

é assim. Mas no fim, quando toda a gente está celebrando o regresso da visão, ela vê o céu todo branco e julga que chegou a sua vez, que vai perdê-la. Não é assim, e ela baixa os olhos e diz: “A cidade ainda estava ali”. A possibilidade de viver juntos é negada ao longo do livro, a não ser esse grupo solidário que se espera que não tenha sido o único, que tenha havido nessa mesma cidade outros que não entraram na história.

A frase “A cidade ainda estava ali” é um aviso, como quem diz: “vocês aprenderam a lição ou não aprenderam? Eu ainda aqui estou” Não é tão otimista quanto se crê, porque eu não sou. Somos uma espécie que fez o que fez, no bom, no mau, no maravilhoso, no sublime, no horrendo, fizemos o que fizemos. Aqui não se trata de pôr numa balança o que fizemos de bom e o que fizemos de mau, aqui tínhamos de pôr a Capela Sixtina, ou um quadro do Rembrandt, ou uma sinfonia de Beethoven, e do outro lado tínhamos de pôr Auschwitz, Buchenwald, todos os horrores, os genocídios. Eu não sei o que pesa mais, mas o lado negro da História da Humanidade é de tal modo horrendo que é difícil que a 9ª Sinfonia sirva para equilibrar.

Estou pasmada com este sítio, sobressai o poder da natureza, ao mesmo tempo destruidor e incrivelmente fértil – tu disseste que basta cair uma chuvada para isto ficar tudo verde. É

isto que me parece marcante.

Sim, mas se é marcante já o era antes de eu estar aqui. Há aqui uma série de contradições.

Tu disseste que não escolheste este sítio, mas na verdade também não o recusaste.

Quando cheguei aqui senti-me bem. Venho de outro lugar, da lezíria, todo o contrário de uma terra como esta. Aqui joga o temperamento de cada um. Havendo em mim, como há, uma tendência tão forte para... não diria o ensimesmamento, a contemplação... para a solidão. Vivo rodeado de pessoas e no fundo sou muito solitário. Chegar a esta ilha e subir estes vulcões – agora não, porque já não posso... Este grande aqui atrás, chamado Montanha Branca, subi-o em Maio de 93, quando tinha 70 anos. Fui até lá acima, vê-se dali a ilha toda, de um lado e do outro, a outra costa e esta costa daqui, e o vale de La Geria, até ao vulcão do norte chamado La Corona. Foi realmente um dia de glória para mim. Não tinha o propósito de subir a montanha, fui naquela direcção, depois olhei para aquilo, subi um bocadinho, 50 metros, “e se eu fosse até lá acima?”, e fui. Não é alpinismo de primeira qualidade, evidentemente, mas não é fácil porque se resvala, porque não tens onde agarrar-te, aquilo não é uma montanha no sentido habitual, com rochas, no fundo aquilo é um cone liso. Desci por outro lado, por um barranco, e descer é muito pior do que su-

bir, escorreguei, feri-me numa mão. Entre subir e voltar a casa foram pelo menos quatro horas.

Nunca mais voltei a subir mas tenho a imagem de estar num ponto alto numa ilha e poder vê-la praticamente toda. Tive a sorte – não fui com certeza a única pessoa que o fez – de, por um capricho de adolescente, ter dito: tenho de chegar lá acima. E cheguei.

Há uns campos de lava, fora do parque [de Timanfaya], relativamente perto daqui. Uma pessoa entra por esses campos... É essa coisa da solidão, de estar só, e o vento que sopra. Senti que nesta ilha havia qualquer coisa que tinha que ver comigo. Mas tinha que ver comigo como pessoa. Não creio que tenha passado para a escrita, e disso é que estamos falando. Ou então na escrita já estava.

Não será este o sítio certo para esta fase da tua vida?

Aí podemos estar de acordo. O que se pode dizer é que este sítio estava à minha espera. Andei quilómetros pela ilha e realmente estou bem aqui. Estou bem em Lisboa, também.

Tenho um problema com as Finanças espanholas, querem à viva força que pague impostos aqui. Apesar de ser um tipo suspeito em alguns aspectos, sou um bom contribuinte, um bom patriota e pago os meus impostos em Portugal. Andamos há quatro anos num conflito sério



que já teve que meter instâncias superiores governamentais de um lado e do outro, não sei como isto vai acabar. Portanto, também há lados incômodos e vamos ver como é que esta questão se resolve.

Viajas muito mas é aqui que as pessoas vêm visitar-te. Percebi que muita gente vem aqui, sentam-se naquela cozinha.

Esteve cá o Mário Soares, quando viemos para aqui, em 93. Foi um gesto muito simpático que lhe agradeço, embora ao longo da vida ele e eu tenhamos tido as nossas turras. Nessa altura era Presidente da República, fui despedir-me dele, expliquei-lhe

por que vinha para aqui. Ele veio dar conferências em Tenerife, aproveitou e veio visitar-me. Vinham com ele o Manuel Alegre, a Maria de Jesus Barroso, o José Manuel dos Santos. Tem vindo aqui muita gente. Estiveram cá não há muito tempo o Bertolucci, o Pedro Almodóvar, o Rodriguez Zapatero.

Esta é a tua casa, o lugar onde tens os teus livros?

Os livros estão aqui. Em Lisboa tenho uma centena, aqui tenho 20 mil ou coisa que o valha. Pode dizer-se que a casa do escritor é o lugar onde estão os seus livros. Tinha de ser aqui. A minha primeira ideia era passar

uma temporada em cada sítio, mas pouco a pouco, pela lógica do emprego do tempo e das deslocações, foi tomando mais evidência que o lugar para estar é aqui. O que não significa que não me sinta bem em Lisboa.

Disseste que o homem não tem solução mas não há sempre uma espécie de parábola nos teus romances?

O risco que os meus romances correm, e que assumem, é o de parecer que têm lições morais, se se quiser malevolamente olhá-los assim. Sou o primeiro a dizer que correm esse risco. Mas não é disso que se trata.

Não tens a intenção de mudar o mundo?

A minha única intenção é dizer como o mundo é, não venho dizer como transformá-lo. O estranho é que só volto a publicar em 66, com *Os Poemas Possíveis* que tem duas fontes: um episódio sentimental que vivi nessa época e a leitura de *O Filho do Homem* de José Régio. Esse livro, não sei porquê, sacudiu-me. Como se estivesse a dizer a mim mesmo: eu também sou capaz. Em 70 aparece o *Provavelmente Alegria* [poemas], depois publico crónicas que vinha publicando no *Jornal do Fundão* e n'*A Capital* [*Deste Mundo e do Outro*, 1971]. E aqui estamos à borda da Revolução.

Em 75, quando publico *O Ano de 1993*, tenho 53 anos. O que teria acontecido se tivesse continuado a escrever depois do primeiro livro? Apesar de tudo, escrevi outro romance, *Clara-boia*.

Não conheço esse livro.

Ninguém conhece, nunca publiquei. Tem uma história com muita piada, é a vida dentro de um prédio que tem uma clarabóia na escada. É um pouco a história do *Diabo Coxo* do Vélez de Guevara [Écija, 1579- Madrid, 1644] que levantava os telhados das casas para ver o que estava dentro. Tem um antecedente literário e se calhar não é o único. Acabei o livro e não o levei a nenhum editor, não sei porquê. Um amigo meu, o

desenhador Figueiredo Sobral, que fez desenhos para contos meus nessa época, trabalhava na Editorial Notícias, da Empresa Nacional de Publicidade. Disse-me um dia: “dá cá o livro que eu vou levá-lo, pode ser que eles publiquem”. Como tantas vezes acontece, a vida separou-nos, não voltei a vê-lo.

Só havia um exemplar?

Só um exemplar, escrito à máquina. Isto deve ter sido no princípio dos anos 50. Para mim, o livro estava perdido. Em 87 ou 88, recebo uma carta da Empresa Nacional de Publicidade, que deve estar aí nos arquivos, onde diziam que, reorganizando os arquivos, tinham encontrado um original com o meu nome, informavam-me disso e manifestavam interesse em publicá-lo. Fui lá, sou fulano, sim senhor, está aqui o livro, se quiser nós podemos publicá-lo. Não, não quero. Um livro desaparecido durante quase 40 anos reaparece!

Portanto, se tivesses continuado a escrever...

Se escrevi dois romances, por que não escreveria um terceiro? Pois não, a coisa ficou assim. Não sei o que teria acontecido. Perguntam-me: ficou todo esse tempo a ganhar experiência? Não, simplesmente não tinha nada para dizer. Mas há aqui três tempos. Um é o tempo de silêncio até 66, depois o tempo intermédio que começa com *Os Poemas Possíveis* e que vai

terminar em 75 com *O Ano de 1993*. Em 77 começa um período de tenteio, com o *Manual de Pintura e Caligrafia*, o livro de contos – *Objecto Quase*, e o *Levantado do Chão* em 1980.

O *Manual de Pintura e Caligrafia* sai nessa época mas eu já vinha a escrevê-lo há tempos. Alguma crítica considera o mais interessante que eu fiz porque é, supostamente, mais moderno na construção, mas tínhamos de saber de que é que estamos a falar porque o moderno de 87 não é o moderno de 20 anos depois. São coisas que eles dizem.

E depois aparece o *Levantado do Chão* e aí começa realmente outra coisa, quando eu tenho 58 anos. No *Memorial do Convénio* tenho 60.

Começas outra vida?

Boa idade para ter juízo. Não parece ser uma idade em que se deva começar uma carreira de escritor que será, parece que está demonstrado, comparado com o que foi feito antes, a parte séria de um trabalho.

De um trabalho que também tem dois tempos, um que acaba com *O Evangelho segundo Jesus Cristo* e outro que começa com o *Ensaio sobre a Cegueira*. Disseste que são parábolas, eu prefiro dizer alegorias.

Numa conferência que dei em Turim, a que chamei *A Estátua e a Pedra*, tentava explicar a diferença destes tempos: até ao *Evangelho segundo Jesus*

Cristo, andei a descrever uma estátua, o lado de fora da pedra, a superfície. É como se a partir do *Ensaio sobre a Cegueira* eu tivesse passado para o interior da pedra, lá onde a pedra não sabe que é estátua. Porque a pedra de dentro não sabe que é estátua.

Nessa altura já vivias em Lanzarote?

O *Ensaio sobre a Cegueira* começou a ser escrito em Lisboa, dez páginas, nada mais. E talvez não seja uma casualidade, aqui podíamos discutir, examinar isto até à saciedade: se o tivesse escrito em Lisboa, seria a mesma coisa que o *Ensaio sobre a Cegueira* escrito em Lanzarote? Enfim, fica a pergunta no ar, que não tem resposta.

É um facto que não poderias ter escrito o Ensaio sobre a Cegueira aos 30 anos. É um livro de maturidade.

Aos 30 anos não, claro que não. É um livro de maturidade e é um livro de assombro. Como se eu me perguntasse constantemente: como é que não conseguimos ser outra coisa?

Ainda tens essa pergunta?

Ainda tenho, e cada vez mais. Não somos boa gente.

Por que é que escreveste sobre a infância? É uma tendência natural quando se chega a certa altura de vida?

Não creio que seja, nem toda a gente o faz. A ideia deste livro

[*As Pequenas Memórias*, 2006] tem mais de 20 anos mas apareciam outras ideias, para mim mais interessantes ou mais importantes nesse momento. Até que chegou a hora. Pensei: agora é que tem de ser, vou acabar o livro.

E foi rápido?

Não foi muito rápido porque tive uns problemas, essa história do soluço que não desejo nem ao meu pior inimigo. Um mês e meio de soluços contínuos, de três em três segundos, dia e noite. Três ou quatro quilos foram-se embora e ainda não os recuperei. Preocupante, porque se tu tens soluços não dormes. Se apesar de tudo tens a sorte de entrar no sono, enquanto dormes não soluças. Mas abres os olhos e imediatamente recomçam. Isto arrasou-me. Também me arrasou a medicação, causou-me perdas de equilíbrio. Foi funesto, realmente.

Estavas ainda doente quando acabaste o livro?

Em Maio do ano passado tive um descolamento de retina, fui operado em Barcelona. No fim de Maio, ainda com o olho tapado da intervenção cirúrgica, acabo *As Intermitências da Morte* e depois aparece-me o soluço. Foi já este ano. O soluço durou um mês e meio, as consequências arrastaram-se, posso dizer, praticamente até ao dia de hoje. Mas já estou outra coisa, já estou ressuscitado.

A notícia de que tinhas escrito

as Pequenas Memórias aparece na mesma altura em que aparece o livro de Günter Grass [Descascando a Cebola, 2006], toda a gente os relacionou.

Por favor, não tem nada que ver.

O que têm em comum é só olharem para trás e coincidirem na publicação?

Sim, claro. Eu quis, de alguma forma, recuperar o miúdo que fui. O livro não segue uma cronologia, são fragmentos que podem ter uma página, duas, três, ou meia página. É como se o livro tivesse sido escrito de acordo com a sequência das recordações tal como elas se me apresentavam. Eu chamava-lhe O Livro das Tentações, recordas-te disso? Mas depois achei que não, embora o mundo para uma criança seja uma tentação contínua. Mas era preciso explicar isso para que o leitor não tivesse dúvidas sobre a lógica do título. E tinha nascido no tempo em que eu andava com o *Memorial do Convento*, de uma ideia que estava fora do meu alcance, e que era que a santidade perturba a natureza. Uma ideia inspirada nas *Tentações de Santo Antão* do Bosch, em que aquilo que a gente vê é uma espécie de rebelião da natureza, representada num caso pela beleza, na maior parte dos casos pelo horror, pelo grotesco, pelo disforme e tudo isso. A natureza é provocada pela santidade e manifesta-se. Mas não tardei muito tempo a perceber que não tinha



unhas para tocar esta viola. Isto tinha de ser um Eduardo Lourenço ou alguma pessoa mais por aí. Deixei ficar o título até ao momento em que realmente decidi acabar o livro, porque já tinha muita coisa escrita, e percebi que não fazia qualquer sentido, tinha de assumir que de facto não, vamos arranjar outro título. E saiu este, *As Pequenas Memórias*. São as pequenas memórias de um tempo em que eu era pequeno. Não tem nada que ver com o Günter Grass, é outro projecto, a intenção é outra. Eu só quis pegar na criança, e a criança não tem idade para se matricular nas SS.

E não vais escrever mais memórias?

A continuação? Não. O livro acaba com um episódio na aldeia, teria ou ia a caminho dos 16 anos. O resto não me interessa. Eu nunca escreveria uma autobiografia da minha idade adulta, dos triunfos ou do Prémio Nobel.

Mas publicaste os Cadernos de Lanzarote.

Sim, que curiosamente acabaram em 97. E eu embora tenha material para 98, decidi não escrever.

Manténs um diário?

Não. Os *Cadernos de Lanzarote* são um diário, durante esses cinco anos. Se não é o caso do Nobel, é possível que eu tivesse continuado. Agora, escrever o ano de 98 e os seguintes para ter de falar todos os dias do Nobel, ou das consequências do Nobel, não. Acabou aqui. Acabou.

Disse-se que o livro do Günter Grass era uma operação comercial. Estás de acordo?

Nisso não acredito. O Vasco Graça Moura também disse que ainda bem que *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* foi proibido, porque assim vendi mais livros. Em declarações à imprensa, de-

fendi o Grass. Ele cometeu um erro aos 17 anos. E a vida depois não conta? Vamos ficar a martelar o homem? Ele já tinha dito que tinha entrado no exército. Enfim, não podia negar-se, e toda a gente aceitou isso, tinha sido ferido, tinha 17 anos, parece que não disparou um tiro sequer. Mas de facto quando ele disse que tinha estado no exército, sabia que tinha estado nas SS. E calou.

E depois há outra circunstância que é o facto de o Günter Grass se ter apresentado como uma consciência moral da Alemanha, tendo ele próprio essa mancha. Além disso, está claríssimo que ele se apresentou voluntariamente nas SS.

Como é que ele viveu com esse segredo? Não é uma situação literariamente fascinante?

É fascinante. A gente faz algumas coisas mal na vida e vivemos com elas. Ele deve ter tido dias maus, mas viveu a sua vida com essa sombra no passado. Podia ter deixado ficar mas provavelmente um dia a verdade sairia ao de cima e ele quis, suponho que foi assim, que essa verdade saísse da sua boca. Demasiado tarde? Quem é que agora julga? Realmente saiu tarde. E sobretudo porque escondeu. Porque ao dizer “estive no exército” estava a esconder, estava a dizer meia verdade.

A verdade é que nós não vivemos aquele momento na Alemanha. Todos os juízos morais

esbarram nisso. O que é que nós teríamos feito?

O problema aqui não é o que nós teríamos feito. Eu também fui para a Mocidade [Portuguesa], a inscrição era obrigatória, isso é outra coisa, e a Mocidade Portuguesa, por muito má que fosse, não era as SS. A questão central não é essa, é o papel que o Günter Grass assumiu ao longo da vida. E estava lá aquilo. Podia ter dito: com que direito estou eu a dar lições de moral à comunidade se tenho essa nódoa lá atrás? Deve ter feito essa reflexão agora.

Na tua vida há um facto marcante, tens o antes do Nobel e o depois do Nobel. Mas há também a Pilar.

É o que eu ia a dizer, há outra coisa marcante. Ia interromper-te. Há um antes do Nobel e um depois do Nobel, e há um antes da Pilar e um depois da Pilar.

O que é que mudou na tua vida?

Tudo. Essa é a grande mudança. Ganhar o Prémio Nobel... se escreves, e não escreves mal, e os outros dão por isso, pode acontecer. Mas é muito difícil acontecer o que aconteceu com a Pilar, porque eu estava em Lisboa, ela estava em Sevilha. Como é que estes dois iam encontrar-se alguma vez? É ela que viaja de Sevilha a Lisboa porque me tinha lido – *O Ano da Morte de Ricardo Reis* e o *Memorial* – e queria conhecer-me. Não veio à procura de uma aventura.

Ela tinha ido a Lisboa com uns amigos e telefonou para minha casa, gosto muito dos seus livros, chamo-me Pilar del Rio, sou de Sevilha. Tem um minuto? Ela estava no [Hotel] Mundial, combinámos encontrar-nos às quatro horas da tarde de um sábado. Lá fui, não sabia quem ela era, não estava muito habituado a que acontecessem coisas assim mas enfim... Aparece-me e quando olho para ela não acredito porque era uma mulher bonita, elegante. Levantei-me, apresentámo-nos, conversámos. Ela não tinha muito tempo, conversámos sobre o Fernando Pessoa, o Ricardo Reis, o *Memorial*. Fomos ao Cemitério dos Prazeres para mostrar-lhe o jazigo do Pessoa, curiosamente estava partida a cruz que estava em cima do jazigo. Alguém tinha partido a cruz e a tinha levado, algum admirador, algum necrófilo de alguma seita iniciática. Comentei isso mas ninguém fez caso. Depois fomos aos Jerónimos.

Em que dia? Claro que sabes a data.

Catorze de Junho de 1986. Levei-a ao hotel, trocámos direcções e assim acabou. Alguns relógios aqui de casa estão parados às quatro horas da tarde, os que não funcionam. Há sempre relógios que não funcionam. Ela foi-se embora, mantivemos contacto telefónico, não muito frequente em todo o caso. Ela mandou-me uma ou duas vezes um artigo que tinham sido escri-

tos lá sobre os meus livros. Eu tinha de dar uma conferência em Barcelona e em Granada, em Outubro de 86. Então aí escrevo a carta mais inteligente de toda a minha vida. Porque eu não sabia nada dela, não sabia se estava casada, se estava divorciada, se era solteira. “Vou aí, tenho uma conferência em Barcelona e em Granada”, e acrescentei: “Se as circunstâncias da tua vida o permitem, gostaria que nos encontrássemos” e tal e tal. Elegantíssimo.

E ela percebeu o que queria dizer?

Ela respondeu que as circunstâncias da sua vida o permitiam, entendeu o que eu queria dizer. Aí começou a nossa relação, depois ela foi viver para Lisboa, deixou tudo, Sevilha, amigos, família, casámos em 88. A Pilar é uma pessoa fora do comum em tudo, de uma exigência consigo mesma quase doentia. Ela considera que está neste mundo para servir, coisa que lhe vem da adolescência, ela foi monja teresiana entre os 13 anos e os 20. De certa maneira, continua a ser monja. Já não tem nada que ver com a Igreja, ficou-lhe lá por essa educação mas também porque ela era um campo fértil para isso.

Eu tinha 63 anos, ela tinha 36, alguns dos meus amigos diziam “o que é que vais fazer, é uma loucura”. Foi o melhor que podia ter acontecido na minha vida. Não quero falar agora do meu passado sentimental, cada

um teve e tem o seu, mas não esperava encontrar uma pessoa como a Pilar. Não estava escrito. Ou então estava escrito numa página qualquer do livro do destino a que eu nunca tinha chegado, nunca lá tinha ido ver. Ainda bem para mim. E também quero pensar que ainda bem para ela.

Assim parece.

Creio que sim. Chateia um bocado agora, tenho 84 anos quase e estes 20 anos com ela foram bem vividos, foram anos bons, foram anos felizes, e chateia-me, chateia-me, chateia-me profundamente pensar que viverei mais três ou quatro anos, numa hipótese bastante favorável, chateia-me que seja tão pouco. Percebes? Por várias razões, uma é que uma pessoa não está interessada em morrer, salvo alguma excepção. E a outra é como eu às vezes digo: viver é estar, morrer é já não estar. E isso é que chateia, é que já não estás. Eu posso imaginar esta casa com todo o trabalho que a Pilar vai continuar a ter com a biblioteca, a gestão dos meus livros, neste mesmo salão, ou na cozinha onde sempre vamos parar, ou no jardim que é aqui ao lado. Mas a filhadaputice é que eu já não estou.

E agora pensas muito nisso?

Penso mais do que pensava antes. Não é uma expressão do medo da morte, eu não tenho medo. Não sei o que acontecerá no momento. Tive medo da

morte aí pelos meus 16 ou 17 anos, tive a consciência claríssima de que queria morrer. Foi a minha descoberta pessoal da morte. Já tinha assistido a funerais mas aquilo não tinha nada que ver comigo. E houve um momento, que durou talvez duas semanas ou talvez mais, em que eu ia na rua e parava como que fulminado com esta ideia: terás de morrer. Depois, ao longo do tempo, mesmo em situações complicadas, nunca pensei que me pudesse acontecer qualquer coisa definitivamente grave. E é esta coisa, estavas e já não estás. Isso é que é realmente a morte.

É verdade que a Pilar te apareceu numa idade em que muitas pessoas já não estão à espera de nada.

O melhor da minha vida chegou fora do tempo habitual. Acho que foi melhor assim, porque a velhice pode ser uma coisa muito chata. A decadência física, a perda da curiosidade, a perda da memória, todas essas coisas que vêm com a idade, eu felizmente pelo menos até agora ainda não fui alcançado por isso, e então posso dizer que é uma sorte dos diabos. Ter ao mesmo tempo – porque é praticamente ao mesmo tempo – uma obra literária que tem algum mérito, o que é reconhecido pelos leitores, que foi reconhecido pelo Prémio, num tempo em que sentimentalmente encontro uma pessoa como a Pilar, não só pelo facto de conhecê-la mas também porque era a melhor compa-

nheira que podia desejar para viver este tempo, em todos os aspectos. O Eduardo Lourenço no outro dia dizia-me: “Eh pá, a tua vida é um milagre!”.

E achas que é?

Talvez seja. Porque nada podia ser previsto, nada. A partir da adolescência podes começar a fazer uma ideia do que será o futuro, ou pelo menos o futuro que tu queres, ou o futuro que tu desejarias, a ver se alguém me ajuda a chegar lá. Nasci onde nasci, vivi como vivi, trabalhei como serralheiro mecânico, durante um tempo que não foi muito, mas fui operário – nem me vanglorio nem me desprezo a mim mesmo por esse facto. Uma vida que não tem um objectivo, percebes? Se tu entras na Faculdade de Medicina é porque queres ser médico, na Faculdade de Direito vais ser advogado ou juiz. E eu não. Andei de emprego em emprego: Caixa de Previdência da Cerâmica, depois a Companhia Previdente que embora aquilo que alguns escrevedores dizem não é uma companhia de seguros, era uma companhia metalomecânica; vou para os Estúdios Cor, conheço gente.

Não é nos Estúdios Cor que comesças um novo caminho?

É um momento importante da minha vida. O director literário dos Estúdios Cor era o Nataniel Costa, uma pessoa interessantíssima, casado com a Celeste Andrade, que era sobrinha do

João Pedro de Andrade, crítico literário e autor teatral. O Nataniel entrou na carreira diplomática, o que o obrigou a sair para um posto em França. A gente reunia-se no café Chiado. E um dia em torno do café, o Fernando Piteira Santos, malta assim mais ou menos conspirativa e conspiradora, o Nataniel saiu e disse-me “queria falar consigo, não se importa de me acompanhar?” E saímos. “Como sabe eu vou para fora, tenho de deixar os Estúdios Cor, claro que continuarei a acompanhar de longe mas tenho de deixar, e gostaria, se você quisesse, que você tomasse o meu lugar na editora.” Tínhamos uma boa relação, mas não de amigos-amigos, era uma boa relação, sem mais. Disse-lhe: “É um caso a pensar. Mas por que é que você pensou em mim para isso?” E ele teve uma resposta: “Claro que não faltariam pessoas a quem eu convidar, mas pelo menos algumas delas a primeira coisa que fariam seria esfaquear-me pelas costas, e eu sei que você não é desses”. Bom, de acordo, eu efectivamente não era desses.

Nunca foste desses de esfaquear pelas costas?

Nunca fui desses. Há um episódio anterior. Eu encontrava-me com alguns amigos que não tinham nada que ver com as letras no Café Chiado. Um dia, estava sozinho, pára um táxi em frente da porta, e sai o Humberto d’Ávila, olhando para um lado para o outro e de repente

põe os olhos em mim. Nunca tínhamos falado. Eu conhecia-o, sabia quem ele era, ele conhecia-me a mim. “Tenho aqui dois bilhetes para um concerto no São Carlos. Quer vir comigo?” Era de um violoncelista, salvo erro o Pierre Fournier [Paris, 1906-1986]. E lá fui eu, que conhecia o São Carlos dos tempos da ópera, quando ia com 18 ou 19 anos para o galinheiro porque o meu pai, que era polícia, conhecia os porteiros e eles deixavam-me entrar. Mas estar sentado na plateia do São Carlos nunca tinha acontecido. Se o Humberto d’Ávila tivesse visto outra pessoa que lhe fosse mais próxima... mas quis o acaso, ou o destino, que fosse comigo. E isso também mudou a minha vida, porque a partir daí, embora continuasse com os mesmos amigos passei também a estar com outras mesas onde estavam, por exemplo, o Abelaira, o Zé Gomes, o Piteira, e isso foi uma entrada num mundo que não era o meu, e onde está o Nataniel com quem depois aparece esta conversa.

Os milagres acontecem, mas as pessoas têm de estar a jeito.

A gente tem de estar lá no sítio. Depois, comecei uma carreira literária sem grandes objectivos, com *Os Poemas Possíveis*, o *Provavelmente Alegria*. Aonde é que isto me leva? Eu próprio não sabia. Aquilo que me faz perceber que há um lugar onde tenho de chegar é o *Levantado do Chão*. As coisas iam acon-



tecendo, após um livro tinha a ideia de outro e escrevia. Não vou agora pensar em forças superiores, não tem nada que ver com isso. Há um poema meu n' *Os Poemas Possíveis* que foi escrito aos 20 ou 21 anos, qualquer coisa assim, que acaba desta maneira:

*“Que quem se cala quando me calei/Não poderá morrer sem dizer tudo.”**

A gente já sabe que não diz tudo nem poderá dizer tudo, mas é como se houvesse algo que tinha de crescer e que crescia de uma forma diferente daquilo que é habitual, crescia mais devagar e eu tinha de ter a paciência de esperar que isso acontecesse, e não forçar, não escrever depois de *Claraboia*. O que é que eu escreveria mais? Em que direcção é que eu iria? Foi preciso vivê-lo para saber. Agora sabemos.

O que estás a escrever agora?

Tenho uma ideia para um livro mas é muito difícil, muito difícil.

Já tens título?

Teria, mas o problema é que lhe falta o miolo. Tenho de deixar que a coisa ande por cá, não mexer muito nela, não pensar muito e um dia pode ser que as coisas se me apresentem mais claras. Estou centrado nisso mas não tenho a certeza do que possa dar.

Hoje em dia lêes muito? O que procuras na leitura?

Ainda leio, leio. Não vou dizer que agora, sobretudo, releio, embora isso aconteça. Mas cansa-me ler um romance, o que não está bem. Então sou autor de romances e isto quer dizer que os meus romances sim e os outros não? Não é isso, evidentemente, sou capaz de reconhecer um bom livro quando um encontro. Parece que tenho um certo instinto para ir a um livro que, por isto ou por aquilo, sinto que aquele, sim, vale a pena. Leio muita coisa que não tem que ver com literatura, tem que ver com filosofia, com história, com astrofísica.

Imagino que leste muita ficção e daí a minha pergunta. Agora é diferente?

Sim, agora é diferente. Recordo-me muitas vezes de uma frase do Alexandre O'Neill a propósito da escrita. Ele dizia: “Não contes a vidinha”. E a impressão que me dá a maior parte do que se escreve hoje em Portugal é que se conta a vidinha. Francamente, não creio que valha a pena.

*Poema à boca fechada, *Os Poemas Possíveis*, 1966

**Entrevista de Ana Sousa Dias,
publicada originalmente na
Revista *Egoísta***

Agenda

Andy Warhol Superstar

Retrospectiva da obra do artistanorte-americano. Até 5 de janeiro de 2013, no Centro Cultural Bancaja, Valência

<http://obrasocial.bancaja.es/>

12ª Feria Internacional del Libro en el Zócalo

Com a Guatemala como país convidado, a feira do livro reúne centenas de editoras, entre elas muitas cartoneras. De 19 a 28 de outubro, na Cidade do México.

<http://www.feriadellibro.cultura.df.gob.mx/>

Festival Literário de Castelo Branco

Escritores e ilustradores em debate com o público e em visita às escolas do concelho. De 24 a 26 de outubro, no Instituto Politécnico e no Cine-Teatro Avenida, em Castelo Branco.

Nelson Rodrigues – 100 Anos do Anjo Pornográfico



Exposição biográfica sobre Nelson Rodrigues no centenário do seu nascimento. Até 30 de dezembro, no Teatro Glauce Rocha, no Rio de Janeiro.

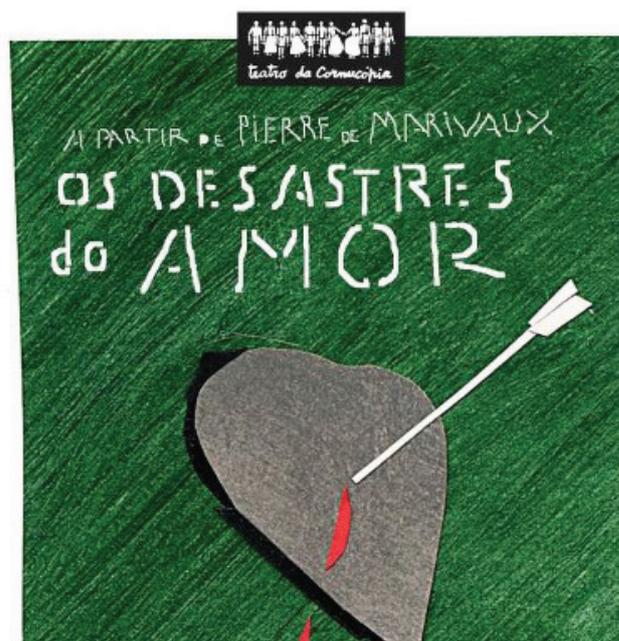
<http://www.funarte.gov.br/>

Amadora BD

Vigésima terceira edição do festival internacional de banda desenhada da Amadora. Exposições, debates e presença de vários autores. De 26 de outubro a 11 de novembro, em vários espaços da cidade da Amadora.

www.amadorabd.com

Os Desastres do Amor



Colagem de textos de Pierre de Marivaux numa encenação de Luís Miguel Cintra. De 1 a 25 de novembro, no Teatro da Cornucópia, em Lisboa.

<http://www.teatro-cornucopia.pt/>

Eugenio Granell no paraíso centroamericano 1940-1956

Exposição dedicada à produção artística de Eugenio Granell durante o exílio em vários países da América Central. Até 4 de novembro, no Au-

ditorio de Galicia, em Santiago de Compostela.

<http://auditorio.compostelacultura.org/>

2012 Poetas Por Km2



Festival poético, com ateliers, leituras e apresentação de livros. Dias 18 e 19 de 3 outubro, na Casa de America, em Madrid.

<http://www.poeticofestival.es/2012/>

O Sumiço da Santa

Adaptação teatral do texto de Jorge Amado publicado em 1988. Até 28 de outubro, no Teatro Acbeu, Salvador da Bahia.

<http://www.acbeubahia.org.br/>

José Saramago, 90 Anos

A partir do dia 2 de novembro.

Todas as informações em:

<http://www.josesaramago.org>

BLIMUNDA

